

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

BARRETO E SILVA, Derly. Derly Barreto (depoimento, 1977). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 47min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA (ABI) e CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Derly Barreto  
(depoimento, 1977)**

Rio de Janeiro

2018

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** Temática

**Entrevistador(es):** Não há informação;

**Técnico de gravação:** Clodomir Oliveira Gomes;

**Local:** Não há informação - - - -;

**Data:** 18/03/1977 a 18/03/1977

**Duração:** 2h 47min

Arquivo digital - áudio: 6; Fita cassete: 3; Fita rolo: 1;

Esta entrevista é parte integrante de uma série de depoimentos realizados pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI) entre 1977/1979 e doadas ao CPDOC em 15/08/1996. A escolha do entrevistado se justifica pela sua atuação como repórter, especialmente dedicado a cobertura política. Ao longo de sua trajetória profissional, atuou em alguns dos mais relevantes jornais da história da imprensa brasileira.

**Temas:** Censura; História da imprensa; Imprensa; Jornalismo; Liberdade de imprensa; Última Hora;

## *Sumário*

Entrevista: 18.3.1977

Fita 1-A: Breve apresentação pessoal; detalhadas recordações do início jornalístico na Folha de Minas de Moacyr Andrade, aos 16 anos de idade: obtenção do emprego, apresentação ao pessoal da redação, rotina de atividades na cobertura policial, ascensão e aprendizado dentro do jornal; motivos pelos quais pediu para trabalhar na imprensa logo após o curso primário: interesse pela leitura, bom desempenho nas composições escolares e crença na boa remuneração dos profissionais; referência à paralisia infantil que o acometeu e retardou seus estudos; menção da origem familiar modesta e pouco instruída; considerações sobre o jornal Folha de Minas: propriedade do governo, pouca expressão jornalística, baixa tiragem e precariedade dos salários; breves lembranças do trabalho como diretor da sucursal de Belo Horizonte (MG) da agência carioca de notícias Telepress, exercido concomitantemente com o emprego na Folha de Minas; referência aos empregos de remuneração fixa, paralelos ao jornalismo, que teve numa livraria e num escritório; explicações sobre os mecanismos de captação de notícias de outros estados para publicação nos jornais de Belo Horizonte quando o entrevistado começou na imprensa; experiência e conseqüências da passagem de um mês pelo Diário Carioca no início da década de 1950: grande aprendizado, status e salário fixo no retorno à Folha de Minas e vontade de transferir-se definitivamente para o Rio de Janeiro (RJ).

Fita 1-B: Longo relato de seu começo profissional no jornalismo carioca: transferência definitiva para o Rio de Janeiro em meados dos anos 1950, primeiros empregos no jornal da juventude comunista Novos Rumos, na sede da agência de notícias Telepress, no jornal A Noite e no jornal Última Hora; explicações sobre os mecanismos de captação de notícias de outros estados para publicação nos jornais de Belo Horizonte quando o entrevistado começou na imprensa; considerações sobre as fontes de renda dos membros das redações em Belo Horizonte na década de 1950: ligação entre profissão jornalística e funcionalismo público; breves comentários sobre sua vida social quando chegou ao Rio de Janeiro: forte ritmo de trabalho, conversas com os colegas, relacionamentos românticos, álcool e rodas de intelectuais, artistas e jornalistas; rápidas considerações sobre os jornais cariocas em meados dos anos 1950, principalmente quanto a repercussão e a ligações políticas: A Noite, Tribuna da Imprensa, O Globo, Última Hora, Diário Carioca, Correio da Manhã e Jornal do Brasil; explicações sobre a divisão entre jornais matutinos e vespertinos rompida por Samuel Wainer com a Última Hora editando duas tiragens, uma matutina e outra vespertina; breve comparação entre o jornalismo no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte na década de 1950; observações sobre o processo de racionalização do jornalismo que encontrou no jornal Última Hora.

Fita 2-A: Detalhadas observações sobre o processo de racionalização do jornalismo que encontrou no jornal Última Hora: organização dos quadros de pessoal da redação, ordenação espacial e inovação no material de escritório; referência ao Diário Carioca como um jornal em que o embrião dessa organização já existia; considerações sobre sua ida para trabalhar no Jornal do Brasil no final da década de 1950: pedido a Odylo Costa, filho, e reencontro com Wilson Figueiredo; menção do caráter inflacionado dos salários no Jornal do Brasil

após a reforma; referência à implementação paulatina das mudanças que levaram à reforma do Jornal do Brasil; relações entre a crise da imprensa após a Carta-Testamento do presidente Getúlio Dornelles Vargas e o sucesso das mudanças implementadas no Jornal do Brasil; considerações sobre censura no período em que trabalhou no jornal Última Hora de Samuel Wainer: ausência de pressão governamental e presença do crivo da própria empresa; repercussão da reforma do Jornal do Brasil entre os profissionais da imprensa: entusiasmo pelas novidades jornalísticas e medo dos efeitos no mercado de trabalho; comparação entre o poder econômico do Jornal do Brasil, fundado nos pequenos anúncios comerciais, e a situação financeira dos outros jornais cariocas na década de 1950; comentários sobre os motivos que garantiam o sucesso dos investimentos financeiros e das reformulações técnicas do Jornal do Brasil: boa administração empresarial pela condessa Maurina Dunshee de Abranches Pereira Carneiro, frágil concorrência dos outros jornais e público leitor majoritário de pequenos anúncios que independia de opinião política ou de quaisquer mudanças propriamente jornalísticas.

Fita 2-B: Comentários sobre os motivos que garantiam o sucesso dos investimentos financeiros e das reformulações técnicas do Jornal do Brasil: público leitor majoritário de pequenos anúncios, frágil concorrência dos outros jornais, sistematização de experiências técnicas de sucesso já comprovado e segurança da estrutura empresarial do Jornal do Brasil; longas considerações sobre o funcionamento do Jornal do Brasil após a reforma: salário inicial na reportagem geral, duração da jornada de trabalho, equipe de profissionais da reportagem, linha política do noticiário, estilo lingüístico dos textos, copidesque e arte fotográfica; menção do Diário Carioca como um equivalente mais modesto do Jornal do Brasil; efeitos da reforma do Jornal do Brasil para os profissionais da imprensa: valorização dos repórteres e enfraquecimento da ligação desses jornalistas com o serviço público; comparação entre as linhas políticas de noticiário do Jornal do Brasil e dos outros jornais cariocas após a reforma; recordações emblemáticas do Jornal do Brasil: foto de Juscelino Kubitschek de Oliveira e John Foster Dulles com os versos da marchinha Me dá um dinheiro aí como legenda (1958), reportagem "Central do Brasil: dois pontos" ganhadora do Prêmio Esso de Jornalismo de 1959, seção "Rondó" onde os repórteres podiam publicar pequenas crônicas e contos, e cobertura da gestão do ministro da Saúde Mário Pinotti; breve relato da trajetória profissional do entrevistado após sua primeira passagem pelo Jornal do Brasil até seu retorno com uma posição melhor dentro dos quadros de reportagem em 1962, durante o governo João Belchior Marques Goulart; observações sobre a reformulação dos quadros profissionais da redação do Jornal do Brasil durante a reforma: elogios à conduta de Odylo Costa, filho, e críticas à direção do jornal; exemplos do trabalho do entrevistado na seção "Correio da Política" a partir de seu retorno ao Jornal do Brasil: entrevista com Henrique Batista Duffles Teixeira Lott sobre o plebiscito de 6-1-1963 e reportagem sobre a atividade de Olímpio Mourão Filho no Plano Cohen; menção de nunca ter ganhado ou disputado prêmios jornalísticos; referência aos grandes nomes da reportagem política brasileira no início da década de 1960; breves considerações sobre reportagem política: menção da diferença frente à reportagem geral e comentário sobre as relações do repórter político com fontes e entrevistados.

Fita 3-A: Longas considerações sobre as relações com fontes e entrevistados na reportagem política; opinião crítica sobre o cenário político brasileiro atual e a acomodação da imprensa frente a essa realidade; breve comparação da acomodação da imprensa no presente com o

que sucedeu no período anterior ao suicídio de Getúlio Dornelles Vargas em 1954; comentário sobre os atuais esforços de resistência política dos jornais Estado de São Paulo e Folha de São Paulo e da revista Veja; reflexões sobre o auge e a estagnação do Jornal do Brasil, associados à economia do país e a especulações sobre uma nova crise da imprensa; referências à trajetória profissional do entrevistado na imprensa carioca a partir de sua segunda saída do Jornal do Brasil em 1965: trabalho na cobertura política dos jornais Diário de Notícias, O Jornal, Jornal do Comércio e da revista O Cruzeiro; breves memórias da censura na imprensa: atuação de Ascendino Leite sobre o Diário de Notícias durante o governo de Carlos Frederico Werneck de Lacerda em 1961, referência à censura sob o comando de Henrique Teixeira Lott em 1955, e menção da diferença entre censura do patrão e censura do governo; comentários sobre a valorização dos repórteres a partir da reforma do Jornal do Brasil: liberdade de iniciativa e identificação pessoal da autoria das boas matérias; menção da permissão para interpretar os fatos que tinham os repórteres políticos em matérias assinadas no Jornal do Brasil, antes algo exclusivo de revistas; considerações sobre a voz narrativa em que se escreviam as reportagens nos jornais das décadas de 1950 e 1960; lembranças de uma série de reportagens sobre juventude transviada que envolveu Pinheiro Júnior e Nelson Rodrigues para a Última Hora de Samuel Wainer no final dos anos 50; experiências de outros jornais que a reforma do Jornal do Brasil sistematizou e desenvolveu: utilização de lide e sublide pelo Diário Carioca, diagramação gráfica da Última Hora e do Diário Carioca, tratamento humanizado das matérias pelo Diário de Notícias e estilo artístico de fotografia das revistas; considerações sobre os canais de relacionamento dos leitores com o Jornal do Brasil na época da reforma: cartas pessoais e o movimento da portaria em decorrência dos pequenos anúncios comerciais; breve reflexão sobre os efeitos da reforma do Jornal do Brasil; menção do não seguimento da reforma do Jornal do Brasil por parte de outros jornais, passados mais de 20 anos; referência à atual acomodação jornalística e empresarial do Jornal do Brasil e especulação acerca de seus possíveis problemas financeiros.

Fita 3-B: Referências à trajetória profissional do entrevistado na imprensa carioca a partir de sua segunda saída do Jornal do Brasil em 1965: trabalho na cobertura política dos jornais Diário de Notícias, O Jornal, Jornal do Comércio e da revista O Cruzeiro; menção de outras atividades jornalísticas do entrevistado após 1965: trabalho nos jornais O País, Edição Final, Brasil Urgente, Diário da Tarde, Última Hora, colaboração nos jornais mineiros O Debate e Binômio e elaboração de textos para o "Repórter Esso" em Belo Horizonte; referência ao emprego atual na sucursal carioca da Folha de São Paulo e aos vários períodos de desemprego que enfrentou durante a vida; menção de uma tentativa de reforma do Jornal do Comércio que envolveu o entrevistado; explicações sobre o atual trabalho na sucursal carioca da Folha de São Paulo: reportagens e artigos políticos; experiências profissionais com Alberto Dines: Folha de São Paulo e Jornal do Brasil; referência a um período de sua vida profissional em que tinha textos publicados simultaneamente em vários jornais do Rio de Janeiro e de outros estados, com bom retorno financeiro; considerações sobre a cobertura política do Jornal do Brasil a partir do Golpe de 1964: censura do governo, enfraquecimento do noticiário e reformulação imposta ao editor-chefe Alberto Dines pela direção do jornal; principais efeitos da reforma do Jornal do Brasil: modernização do jornalismo e melhora da situação profissional; menção de Samuel Wainer como o verdadeiro pioneiro do processo que foi levado à frente pelo poderio econômico do Jornal do Brasil.

*Entrevista: 18 de março de 1977*

Entrevistador 1 – Centro de memória jornalística, depoimento Derly Barreto, dezoito de março de 1977. Derly, você pode começar se identificando.

D.B. – Pois não. Meu nome é Derly Barreto Silva, sou mineiro, nasci em Belo Horizonte, em 1934, onde, em Belo Horizonte, eu comecei minha vida de jornalista, aos 16 anos, na *Folha de Minas*.

Entrevistador 1 – Essa entrada para o jornalismo foi imediata? Foi do primeiro trabalho?

D.B. – Não, não foi bem um trabalho. Foi uma apresentação de meu pai a um poeta, o Djalma Andrade. O Djalma Andrade tinha um irmão, o Moacir Andrade, que era diretor da *Folha de Minas*. Então, com a carta que o meu pai me deu para o Djalma, que foi uma carta do Djalma provocada pela carta de meu pai a ele, Djalma, fui com uma apresentação para o Moacir Andrade e pedi para trabalhar em jornal. Eu tinha 16 anos, tinha mal... Eu completei o curso primário muito tarde.

Entrevistador 2 – Por que o seu interesse pelo jornal logo de cara?

D.B. – Eu gostava de ler. Eu gostava muito de ler.

Entrevistador 2 – Mas isso, influência de quê, de quem?

D.B. – Nada. Isso era uma coisa que eu tinha, realmente.

Entrevistador 2 – Era de família? Era uma família de literatos?

D.B. – Não, não. A família era modesta, muito modesta, de cultura primária. Eu tinha saído do curso primário. Eu retardei muito o meu curso primário. Porque eu sofri de paralisia infantil, mas me recuperei, com uma pequena sequela, e isso prejudicou o meu estudo primário, o meu curso primário, que foi feito no Pedro II. Eu saí do grupo escolar com uns 15

anos. Mas eu sempre gostei de ler. Sempre gostei de ler. E lia. Lia e escrevia. Porque no primário mesmo, a composição do clube... aquelas composições...

Entrevistador 1 – [Inaudível].

D.B. – É. Eu escrevia lá as melhores composições da classe e tal. Eu realmente gostava de ler.

Entrevistador 1 – Derly, então, se eu entendi, o jornalismo entrou na sua vida pela aproximação que o seu pai tinha com...

D.B. – Sim. Aí, no caso...

Entrevistador 1 – Ou você queria, especificamente, jornalismo?

D.B. – Não, eu queria. Eu queria trabalhar em jornal. Mas não era bem... Eu precisava explicar mais. Eu queria trabalhar em jornal. Por quê? Era o que se tinha em Belo Horizonte é que jornalista ganhava bem. Eu queria também um bom emprego. Quem trabalhava em jornal, aliás, ganhava bem. O empregado de jornal ganhava bem. Então eu fui. Mas eu tinha saído do curso primário. Era verde. O máximo que eu fazia era composição de grupo escolar. Eu fui ao Djalma, pedi uma apresentação ao Moacir e o Moacir<sup>1</sup> se aquiesceu, me deu a apresentação e eu fui conversar com o Moacir Andrade, o diretor do jornal, mas com o propósito de trabalhar na oficina do jornal. Eu queria trabalhar em jornal, mas lá na oficina: limpar a oficina, fazer... Trabalhar em oficina. E eu fui ao Moacir e, para surpresa minha, o Moacir... Ele perguntou se eu escrevia, eu disse que sim; se eu sabia escrever, eu disse que sim. Eu não entendi a pergunta dele. Ele me perguntou: “Sabe escrever?”. “Eu sei escrever.” Eu sabia escrever. Eu fazia a composição no grupo escolar e tirava dez, a nota maior lá, ganhava dez, eu disse a ele que sabia escrever. Eu pensei que fosse alfabetização, então, eu respondi para ele: “Eu sei escrever”. Ele disse assim: “Então, espera aqui um pouco”. Eu

---

<sup>1</sup> O entrevistado parece ter como intenção se referir a Djalma Andrade

esperei uns dois minutos e ele chamou um outro cidadão, o Wilson Castello Branco, que não tem nada com o Castellinho<sup>2</sup>

Entrevistador 2 – E nem com o presidente.

D.B. – Não. É um professor, um advogado importante... Nem com o presidente. É um professor, é um jurista, é um sujeito muito importante hoje lá. E entra o Wilson Castello Branco, que, por azar, era meu vizinho. Eu morava no bairro de Santa Efigênia e ele era mais ou menos meu vizinho, morava a uma distância. E a casa do Wilson Castello Branco ficava de esquina, numa rua onde eu me reunia com os amigos e jogava bola e pedra, coisa de moleque, e algumas pedras caíam na casa do Wilson. Quando o Wilson me viu... E ele sabia que eu era um moleque da rua dele, que fazia bagunça perto da casa dele. O Wilson ficou sem jeito, me olhou, mas atendeu ao pedido do Moacir e me levou para a redação. Houve aquela coisa: “Você vai trabalhar aqui conosco”. Eu estou pensando ainda que fosse ser levado para a oficina.

Entrevistador 2 – **[Inaudível]**.

D.B. – Não, que ia para oficina. Ele me chamou, me levou para a redação e me apresentou a um magrinho lá. “Esse aqui é o nosso chefe de reportagem, é o nosso repórter... é o principal repórter de polícia aqui”. Não era bem chefe de reportagem, mas era o sujeito mais ativo na reportagem de polícia, que era o Wilson Correia, o “**Eu era assim**”. Aí o “**Eu era assim**”, que já não tinha dente naquele tempo... Eu fui apresentado e ele disse: “Então, você vai trabalhar comigo, fazendo reportagem de polícia”. E eu fiquei... Aquilo foi um choque, porque eu queria ir para a oficina, limpar a oficina, passar um pano do chão da oficina e, de repente, estava entrando numa redação de jornal para trabalhar. Então, combinou-se e, no dia seguinte, eu me apresentei lá com uma roupa... Eu tinha calça comprida, embora... Com 15 anos...

Entrevistador 2 – Mas nada de terno.

---

<sup>2</sup> O entrevistado se refere a Carlos Castello Branco.



D.B. – Eu não me lembro se fui de terno, mas é provável. Uma roupinha meio... qualquer melhor roupa que eu tinha. Eu me vesti e fui, no dia seguinte, para a *Folha de Minas*, na rua Curitiba. Subi para a redação, o Wilson me reconheceu, me apresentou a um outro repórter, o Hernan Yves Duarte, um bom repórter de polícia também, da *Folha de Minas*. Eu saí, nesse dia, com o Wilson Correia, para ir para a um distrito policial, e me lembro que escrevi, no primeiro dia, à mão, manuscrito... Eu escrevi manuscrito porque lá era uma coisa: não havia máquina de escrever. Tinha uma máquina de escrever, uma ou duas máquinas, na redação, e o negócio era no lápis, era na caneta, manuscrito.

Entrevistador 2 – O jornal, em Minas, qual era a situação dele lá?

Entrevistador 1 – A *Folha de Minas*.

Entrevistador 2 – A *Folha de Minas*.

D.B. – A *Folha de Minas* era um jornal do governo. Era um jornal do governo... Era mantido pelo governo. Eu não me lembro... Era um jornal do governo, mantido pelo governo, pelo Palácio da Liberdade.

Entrevistador 1 – **[Inaudível]**.

D.B. – Não, o jornal não tinha expressão maior, não.

Entrevistador 1 – Acabou esse, também?

D.B. – Já acabou esse jornal. Esse jornal acabou. Não tinha muita expressão de público. Ele não tinha público, não. Tinha uma tiragem baixíssima, de 600 exemplares, e uma vendagem inferior à tiragem, que era isso, 600 exemplares. Sei lá, acho que por aí

Entrevistador 2 – Aí você foi para distrito com o Wilson.

D.B. – Aí, fui para o distrito com o Wilson Correia. Ele me apresentou lá a um delegado, ou comissário, eu não me lembro bem, e fiquei encarregado daquele setor, que era o 3º Distrito, que era um pouco longe do centro da cidade. Então, todo dia, eu tinha que ir ao 3º Distrito pegar as notícias de polícia, e voltava para a redação e escrevia. Era roubo de galinha... Lá tinha isso, roubo de cavalo, roubo de galinha, um invadiu o terreno do outro, o conto do paco... Eram essas coisas todas.

Entrevistador 2 – Derly, mas te deram uma ideia de como você devia escrever?

D.B. – Não. Nada. Eu comecei... Eu cheguei no jornal, ele me levou para o distrito e, quando voltei... O Wilson me dava muita [inaudível] de apoio, de orientação. Era escrever ali o que aconteceu: “O fulano de tal foi preso porque roubou a galinha do vizinho e assaltou o galinheiro do vizinho”. Eram notícias... Bem, para surpresa minha, a primeira notícia que eu escrevi foi publicada – manuscrita, não é? –, foi publicada sem muita modificação, embora tivesse passado por uma espécie de *copy* [copidesque], que era o Francisco Antunes, eu me lembro. São nomes importantes porque foram os primeiros nomes de jornalistas com os quais eu lidei pessoalmente. Então, o Francisco Antunes; o Wilson, é claro... Eu escrevi a notícia e entreguei ao Wilson. Ele leu, gostou e passou para o Francisco Antunes, que fazia a leitura de todas as matérias, antes de encaminhar para a secretaria e daí para a oficina.

Entrevistador 2 – Quem tivesse letra ruim não era repórter.

D.B. – É, a essa altura... [risos] Bem, e o texto saiu publicado. Quando eu vi a primeira notícia publicada, rapaz, aí eu me senti realizado. Aí eu me senti jornalista. Aí comecei... A esse setor, que era o 3º Distrito, foram acrescentados uns outros: o 1º Distrito e o 2º Distrito, eu acho, no centro da cidade. Esse 2º Distrito já dava mais informação.

Entrevistador 2 – Derly, e o salário?

D.B. – O salário era baixo, irregular... Nem existia, na verdade.

Entrevistador 3 – Você chegou a combinar [inaudível]?

D.B. – Não, não houve salário. Houve... Não houve salário. Não houve. Embora eu imaginasse que, trabalhando em jornal, fosse ganhar um grande salário, eu não tive a preocupação de saber... Apenas com o fato de estar na redação, e não na oficina, aquilo já me empolgou bastante. Eu realmente não questionei o problema de salário. Bem, o salário era baixíssimo e irregular. O pagamento atrasava muito. Embora sendo um jornal do governo, era um jornal que infringia todas as leis que existiam naquele tempo. Não havia nenhum critério, nenhum cuidado com a remuneração. Saía dinheiro, mas... Saía vale. E o sujeito saía da redação... No fim do mês, ele ia na caixa e procurava saber se tinha dinheiro – o salário, não é? Se não tinha salário, dava vale. Era um trabalho assim.

Entrevistador 2 – E você ficou lá até quando?

D.B. – Eu fiquei na *Folha de Minas* dos 16 aos 18 anos. E, nesse meio tempo, eu fui também diretor da sucursal de uma agência de notícias daqui do Rio, da Telepress, do Amorim Parga. Eu fui diretor da sucursal da Telepress em Belo Horizonte.

Entrevistador 2 – **Trabalhando** na sucursal, então, a subida na *Folha de Minas*, como é que se deu?

D.B. – Bem, eu comecei... Parece que eu dava jeito, sabe? Parece que eu tinha jeito para aquilo. E eu devo muito – foi uma ajuda muito grande – ao Moacir Andrade, que é um nome que eu tenho que falar porque foi o primeiro sujeito que me deixou entrar num jornal; ao Wilson Correia, que é um sujeito que me ajudou bastante; ao Hernan e ao Bernardino, os outros repórteres de polícia, que foram grandes companheiros e me ajudaram... Todos desinteressadamente. Claro, desinteressadamente e com interesse de que eu desse certo. E uma pessoa em particular, porque desse aí eu me aproximei: o Wilson Figueiredo. Eu me aproximei muito do Wilson.

Entrevistador 2 – Ele era da *Folha*?

D.B. – Era da *Folha de Minas*. Ele foi secretário. Eu tenho a impressão de que o meu texto saía da mão do Wilson, caminhava para o Chico Antunes e, em seguida, para o Wilson Figueiredo. Ou do Pedro, um Pedro que eu me esqueço o sobrenome dele. A tramitação era essa: era secretaria e depois, oficina. Então, o Wilson Figueiredo, de quem eu me aproximei, de quem... Em termos de amizade pessoal. Porque o Wilson, nós saíamos sempre, depois do expediente, a pé, pela avenida Afonso Pena, até a casa dele, que ficava na Serra, no fim da avenida Afonso Pena. Nós subíamos a pé, conversando os dois, de madrugada, e ele sempre me ensinando alguma coisa de jornal. E nessa caminhada, nessa aproximação, ele sentiu, sei lá, que podia me dar alguma oportunidade maior. E me deu. Fui fazendo reportagem de polícia, fiz alguma coisa de reportagem geral, e sucesso completo. Uma vez faltou, ou era necessário ao jornal um noticiário econômico, e tinha um negócio de... Na área financeira e de câmbio, a posição do dólar... Eu não me lembro exatamente, não. E acabei ficando encarregado desse troço, de fazer um noticiário sobre a posição... a cotação de moedas. E foi o meu trabalho na... o meu primeiro...

Entrevistador 2 – Você já tinha experiência nessa área?

D.B. – Não tinha nenhuma experiência. Quando eu resolvi, aí eu comecei a ler. Nesse período aí, com isso, começando em jornal, eu comecei a ler bem mais. E ouvir, conversar com várias pessoas, e procurando aprender com outras pessoas mais experientes, com outros jornalistas. Bem, esse negócio de economia aí, realmente eu estava cru, eu não entendia nada. O único dinheiro que eu sabia era o meu, no bolso, que era nenhum. Mas o certo é que vinha a notícia, ou vinha a informação, e eu lia os outros jornais... É claro que eu lia os jornais do Rio que chegavam lá, e lia um pouco o noticiário da agência, dessa Telepress, para onde eu fui também por sugestão do Wilson Figueiredo. E o certo é que deu certo. Eu comecei a fazer o noticiário de moeda, de câmbio, econômico e acabei dominando, realmente, na *Folha de Minas*. E o trabalho era citado no meio do jornal. Entre os jornalistas, aquele trabalho era reconhecido. E aí eu comecei...

Entrevistador 1 – A tomar gosto.

D.B. – É. E a ser conhecido por companheiros. Bem, é claro que, na reportagem de polícia, naquele tempo, havia a preocupação de furo. Você tinha que trazer um furo. Então, tinham grandes repórteres lá. Tinha o Wagner Sacchetta, do *Estado de Minas*, que esse era o cobra. Era um bamba, rapaz! Esse sujeito tinha trânsito com facilidade em todas as delegacias, conhecia comissário, delegado... Tinha uma experiência enorme. Ele já era um homem feito. Era um profissional já completo. Então, o sonho de muita gente era furar o Wagner. E eu entrei nessa de tentar furar o Wagner. Nunca furei, mas incomodar, eu incomodava. Bem, aí achei que... Aí consegui, realmente, uma posição bastante razoável na *Folha*. Sem dinheiro. Eu não me lembro de dinheiro, de ter recebido salário direitinho na *Folha*. Não me lembro.

Houve inclusive um período em que eu trabalhava na *Folha de Minas* como repórter e trabalhei como... numa livraria, na representação da Livraria São José, com o filho do Carlos Ribeiro, o Carlos Roberto Ribeiro. O Carlos Roberto era... Eram duas pessoas que trabalhavam nessa livraria: Carlos Roberto Ribeiro e Derly Barreto. O Carlos Roberto ficava no Rio ou namorava e eu ficava tomando conta da livraria e buscando pacote, andando com pacote no meio da rua, para ganhar dinheiro. E trabalhava na *Folha de Minas*. Era, vamos dizer, um empregado... Era um empregado desse escritório, dessa representação, onde eu ganhava salário direito, e ao **findar** o trabalho, ou na metade do trabalho, eu conseguia escapar, fechava o escritório e ia para o distrito policial cobrir o setor. Então, o jornal era... O bico era o negócio que dava... que me estimulava. Eu me sentia interessado.

Entrevistador 2 – Dava mais *status*.

D.B. – É, talvez isso. Ou certamente isso. Certamente isso. Dava *status*. Mas era um *status* que se apagava no meu trabalho de empregado lá da livraria, onde eu fazia a limpeza e aquela coisa toda. Bem, esse foi um emprego que eu tive, trabalhando em jornal, e o outro, em um outro escritório, onde aí eu fazia mandado. Eu podia ter 17 anos. Então, eu trabalhava no escritório, limpava o escritório... Então, entre uma saída e outra para comprar o leite que mandavam eu comprar, o lanche, eu ia para o distrito, pegava a notícia, e depois, à noite, ia para o jornal e escrevia. Bem, eu não me lembro de dinheiro, de ter ganhado dinheiro. Na Telepress, eu acumulei um saldo sensacional, porque ele nunca pagava. Findava o mês e eu não recebia. Então, tinha, sei lá, 20 mil cruzeiros de salários atrasados. Nunca recebi no Rio.

Quando eu vim aqui uma vez procurar esse salário, o sujeito disse que eu é que estava devendo à empresa. [risos] Conseguia fazer isso, o Amorim Parga. Mas deixa *pra* lá. O certo é que eu continuei...

Entrevistador 1 – Mas você ficou escrevendo na *Folha*...

D.B. – Fiquei um período longo na *Folha*.

Entrevistador 1 – Fazendo economia...

D.B. – Não. Aí, fazendo basicamente polícia e geral. E na redação, quando eu estava lá, fazia... Na redação. Não havia um trabalho de repórter econômico. Era a manipulação do material que chegava.

Entrevistador 1 – E da *Folha*, você... No mesmo período da *Folha*, você entrou para a agência?

D.B. – É, no mesmo período, ao mesmo tempo. Na *Folha*...

Entrevistador 2 – E o seu trabalho qual era?

D.B. – O meu trabalho era pegar todo o material informativo que vinha por... que era captado por radiotele...

Entrevistador 1 – Radiotelegrafia?

D.B. – Era aquele negócio que bota na... Radiotelegrafia, não é? O técnico lá, o radioperador, ele pegava, por sinais Morse, transformava aquilo em palavras, é claro, a mensagem, e me entregava aquele material. Então, em cima daquilo, eu preparava...

Entrevistador 1 – A notícia.

D.B. – É, preparava a notícia. Agora, já com carbono, passava no mimeógrafo e tinha um *boy* que fazia a distribuição da matéria aos clientes da agência em Belo Horizonte.

Entrevistador 1 – Mas era algum tipo **de correspondente** do...

D.B. – Do Brasil. Mandavam do Rio. Eram, normalmente, notícias calcadas em *O Globo*... nos jornais aqui. Era *O Globo*, principalmente. Porque *O Globo* chegava em Belo Horizonte, nesse período, com muitas horas de atraso. Nós recebíamos *O Globo*, por exemplo, e a *Última Hora* no final da tarde, início da noite.

Entrevistador 2 – **A notícia já** velha.

D.B. – A notícia... Exato. Não, e não era isso. Era difícil você copiar dos jornais daqui para publicar no jornal de lá. Porque o que havia era isso, era a cópia. Você republicava, no jornal de lá, muita notícia daqui. Notícia política então, nem se fala. Os jornais de Minas não tinham sucursais no Rio, que era a grande fonte de informação de notícia. Então, você pegava o jornal daqui, *O Globo* de hoje, e publicava amanhã em Belo Horizonte. E o negócio funcionava porque, em Belo Horizonte, o jornal chegava em pequena quantidade. *O Globo* e a *Última Hora*, pelo menos, chegavam em pequena quantidade e a vendagem era mínima.

Entrevistador 2 – Recortavam.

D.B. – É, nós recortávamos lá. Era um trabalho de colagem. Bem, a vantagem da agência era que a agência transmitia essa mesma notícia de *O Globo* duas, três, quatro, cinco horas antes de *O Globo* chegar lá. Então, chegava a tempo de você elaborar a edição. Então, você ganhava tempo. A agência não fazia nada além de transmitir... de copiar o material dos jornais. Mas era um jornalismo... Não era um negócio de má-fé. Era o possível de fazer àquela altura. E era o que se fazia.

Bom, o certo é o seguinte: em Belo Horizonte, no jornalismo, no jornal lá, eu não consegui ganhar dinheiro, e trabalhava bastante. Agora, no segundo ano de *Folha de Minas*, eu já estava... O jornalismo, em Belo Horizonte... Nessa altura, vamos falar do jornalismo em Belo

Horizonte. Eu imaginei... Eu já achava que Belo Horizonte não era campo para mim. Aí já era uma... Não era presunção, não sei bem, mas eu achava que Belo Horizonte já não era mercado.

Entrevistador 2 – A meca era o Rio.

D.B. – A meca era o Rio. O negócio era vir para o Rio. No fim do segundo ano de *Folha de Minas*, ou terceiro ano, eu vim com um amigo meu ao Rio, e aí aconteceu um negócio muito importante: por apresentação de Wilson Castello Branco para o Carlos Castello Branco, eu fui ao *Diário Carioca*. Eu fui ao *Diário Carioca* e apresentei, entreguei a carta de apresentação ao Castello, e o Castello me apresentou... eu acho que ao Pompeu. Eu acho que ao Pompeu.

Entrevistador 2 – Pompeu de Souza.

D.B. – Pompeu de Souza. Eu acho que foi ao Pompeu. E o Pompeu, em seguida, me levou ao Wilson de Oliveira. Eu ia ficar no Rio um mês ou uns 20 dias...

Entrevistador 2 – Isso foi em que ano?

D.B. – Isso foi em 1952 ou 1953. Em 1952, provavelmente.

Entrevistador 3 – Que é a época de ouro do *Diário Carioca*.

D.B. – Não, acho que já tinha passado... Ou era. Era um pouco a época de ouro. Talvez já estivesse caindo. Embora o Castello estivesse lá, não é? Mas já estava caindo, embora também houvesse o que havia de melhor de profissionais. Mas o jornal, como força, ele já devia estar perdendo alguma coisa. Eu não me lembro exatamente, mas eu acredito que sim. Em 1952 ou 1953. Porque o jornal perdeu muito com o Fiúza, com a campanha do Iedo Fiúza<sup>3</sup>Aí, parece que... Sei lá, houve um período...

---

<sup>3</sup> O entrevistado se refere a Iedo Fiúza Macedo Soares, candidato pelo PCB nas eleições presidenciais de 1945



Entrevistador 3 – Acho que o Fiúza foi em **1950**.

D.B. – Não, antes. Foi em 1950, não é? Eu acho que o jornal já estava perdendo um pouco. Mas tinha grandes nomes lá e era, realmente, o jornal de maior repercussão no meio jornalístico e, me parece, aqui no Rio, de opinião pública. Bem, eu fui apresentado ao Carlos Castello Branco pelo Wilson Castello Branco, que me levou ao Pompeu, e o Pompeu me apresentou ao Wilson de Oliveira. No primeiro dia de trabalho... Não, não é no primeiro dia, não. Bem, eu estava na reportagem de polícia do *Diário Carioca*, e eu me lembro que estavam o Wilson de Oliveira e o Baioneta<sup>4</sup>—eu não me lembro o primeiro nome dele –, o Baioneta, que era um foca, também. No primeiro dia, foi uma notícia... Eu escrevi algumas notícias pequenas. E o negócio era a notícia realmente curta. E eu senti facilidade de fazer a notícia curta. Fiz algumas notícias curtas e uma mais longa, no primeiro dia. Fiz umas duas ou três notícias curtas, que era o feitio do jornal, porque ele tinha poucas páginas, tinha pouco espaço, e uma notícia maior. E a notícia saiu publicada. Aí eu senti aquela mesma sensação grandiosa que eu senti quando vi a minha primeira notícia publicada na *Folha de Minas*. Gostei **realmente daquilo**.

No segundo dia de *Diário Carioca*, desses mais ou menos 30 dias que eu passei lá, aconteceu uma rebelião de mulheres no presídio de Bangu. Era um negócio grande e precisava de repórter qualificado. Repórter qualificado, no *Diário Carioca*, para fazer aquela cobertura grande, de um grande acontecimento, não era o Derly nem o Baioneta, era o Wilson de Oliveira. O Wilson de Oliveira foi, e disse: “Derly, fecha a página”. Eu... “Como fechar a página?!” Eu sabia fazer... Eu sabia fechar a página, mas não página do Rio. Eu fazia isso em Belo Horizonte, porque eu fui secretário de oficina na *Folha de Minas*. Eu também fui... Eu trabalhei como secretário de oficina na *Folha*. Bem, aí, juntei matéria lá, e tinha um pouco de diagramação... Eu não me lembro exatamente o que tinha de diagramação. O certo é que eu fechei a página. E a notícia do Wilson de Oliveira, que ele trouxe mais tarde, do presídio de Bangu, deu-se em outra página, e a página foi fechada. Então, o Wilson ficou um pouco satisfeito com aquilo, me elogiou para o Pompeu, me elogiou para o Castello e eu fiquei com o prestígio basicamente consolidado. [risos]

---

<sup>4</sup> O entrevistado se refere a Aparecido Baioneta ds Silva.

Entrevistador 3 – Aí, como era? Você já tinha salário?

D.B. – Não. Eu estava ali passando férias. Não, não tinha nada.

Entrevistador 1 – Eram uns 20 dias.

D.B. – Isso aí era uma experiência. Não era nem bem experiência; era um favor que eles me faziam, me deixando trabalhar lá.

Entrevistador 3 – Mas nem acenaram com uma perspectiva profissional?

D.B. – Não. Eu vim aqui para ficar exatamente 30 dias. Eu ia voltar para Belo Horizonte, para ficar trabalhando em Belo Horizonte. Eu vim aqui mais para aprender, para ter contato com o jornalismo do Rio. A minha presença no *Diário Carioca* era essa, apenas um contato que eu desejava ter com o jornalismo do Rio.

Bem, então, continuei trabalhando no *Diário Carioca*. E houve aquela grande cagada no primeiro dia; no segundo dia, marcou um pouquinho ali e eu já não era tão ruim repórter, já não era considerado tão ruim repórter.

Entrevistador 2 – Já tinha alguma experiência.

D.B. – Eu já tinha alguma experiência para eles aqui. E, realmente, eu me surpreendi. E acabou esse período, voltei para Belo Horizonte, voltei para a *Folha de Minas*, mas já querendo voltar para o Rio. Já querendo vir para o Rio. E isso acontece algum tempo depois, em 1955, início de 1955. Eu venho e trabalho... Eu trabalhei num jornal político aqui. Licença de memória...

Entrevistador 2 – Só rapidamente: você volta a Belo Horizonte para a *Folha de Minas*?

D.B. – [Volto] para a *Folha de Minas*.

Entrevistador 2 – E fica até 1955, quando então você vem...

D.B. – Volto para cá.

Entrevistador 2 – A tua passagem aqui no Rio foi de quanto tempo, no *Diário Carioca*?

D.B. – Ah, foram 30 dias.

Entrevistador 2 – Trinta dias.

D.B. – Trinta dias. Agora, volto para Belo Horizonte com a experiência de Rio...

Entrevistador 1 – E já podendo colocar no currículo: “Um mês de experiência no *Diário Carioca*”.

D.B. – “Um mês de experiência.” E que rendeu. E que deu dividendos, e generosos: eu comecei a receber... Eu recebi dinheiro da *Folha de Minas*. Aí eu recebi dinheiro. Aí eu já recebia dinheiro. E melhorei um pouco a minha posição no jornal: assumi outras... me foram dadas outras responsabilidades. Aquilo que eu fazia esporadicamente, de secretário da oficina, passei a fazer com mais frequência. E a *Folha de Minas*, porque eu sabia mais ou menos como se fazia... Aqui no *Diário Carioca*, eu acompanhava também o fechamento de página na oficina. Acompanhei aqui. Eu fui lá, por curiosidade, mas fui acompanhar o fechamento da página de polícia, no *Diário Carioca*, que eu havia feito. A página que eu havia fechado, eu fui acompanhar o trabalho na oficina. Porque eu já tinha contato com a oficina e, inclusive, eu era capaz de fazer aquilo. Não bem, mas fazia. E em Belo Horizonte, eu cheguei a Belo Horizonte com essa experiência enorme do Rio e me deram então... quase que sistematicamente, substituindo um rapaz muito talentoso chamado Célio Horta, que era o secretário gráfico da *Folha de Minas*. Ele faltou uns dias lá e pediu para que eu o substituísse naquelas faltas, e eu o substituí.

Bem, a *Folha de Minas* rodava o jornal, rodava e ia para a rua... rodava, aliás, por volta de seis, sete, oito horas da manhã. E no meu primeiro dia lá, **eu disse para o pessoal da oficina:**

“Olha, precisamos fechar esse jornal mais cedo”. No primeiro dia, larguei. Como deixei de ser secretário, deixei que os gráficos trabalhassem à vontade, e o jornal foi fechado, no primeiro dia, às duas horas da manhã. Foi um escândalo. Porque aquilo... Foi um escândalo. E eu fiquei preocupado porque podia prejudicar o Célio. Dava a impressão de que o Célio era incapaz. E era ao contrário: o Célio era muito capaz. Mas o jornal não era fechado mais cedo por conveniência ou, sei lá... Sei lá que tipo de dificuldade havia. Bem, o certo é que o jornal começou a ser fechado... Aliás, no primeiro dia de secretaria quase que efetiva na *Folha de Minas*, na secretaria gráfica, o jornal fechou às três horas. Depois, fechou às duas horas, e depois, à uma. E eles acharam possível, depois, fazer o jornal rodar por volta de meia-noite, entre meia-noite e uma hora. Bem, isso aí me facilitou receber dinheiro na *Folha de Minas*. Foi um trabalho meu isso aí, o de redação e esse de oficina...

Entrevistador 2 – Você tinha quantos anos nessa época?

D.B. – Aí, de 1934 para 1953, eu tinha 19 ou 20 anos. Bem, o chefe de oficina... eu acho que era o chefe de oficina, ou era o gráfico mais importante lá, quer dizer, que tinha liderança na corporação, era o **Chumbia Leiser**, que está no *Jornal do Brasil* hoje, o **Chumbinho**. O **Chumbinho** gostava muito que eu fosse da secretaria porque ele sentia que eu não aporrinhava muito, deixava o trabalho correr frouxo. E isso beneficiava o fechamento do jornal e a rodagem do jornal.

Bem, saí da *Folha de Minas*... Bem, aí decidi sair da *Folha de Minas*. Saí da *Folha de Minas*, vim para o Rio...

[FINAL DO ARQUIVO 1002\_DERLY\_BARRETO\_18.03.1977\_01a]

D.B. – ...início de 1955, eu venho para o Rio. Venho para o Rio, para trabalhar aqui, mas sem carta de apresentação. Tentei no *Diário Carioca*, já não era possível.

Entrevistador 1 – Derly, só um detalhe. Mata uma curiosidade para mim: você disse que *O Globo* chegava em Minas às quatro ou cinco horas. Quatro ou cinco horas da tarde, *O Globo* chegava em Minas. E isso impedia que os jornais utilizassem...

D.B. – Esse mesmo *O Globo*...

Entrevistador 1 – ...esse mesmo *O Globo* para a feitura do jornal do dia seguinte.

D.B. – Exato.

Entrevistador 1 – Então, notícias como, por exemplo... Você falou em 1955, mas, em 1954, a morte do Getúlio te pegou em Minas. Como é que se fazia, num acontecimento assim? Você se lembra como foi nesse dia?

D.B. – Usava-se muito rádio, o noticiário das rádios.

Entrevistador 2 – E vocês saíram com alguma edição extra, por exemplo?

D.B. – Não.

Entrevistador 2 – Havia condições técnicas para isso?

D.B. – Não. Não havia. Não havia condições técnicas.

Entrevistador 1 – E nem pesquisa também, não é?

D.B. – Não, não. Saía a notícia. E o esforço de memória da... Esse esforço de memória... Não havia nem condições de edição extra nem essa pesquisa que você imagina. Era artesanal. O trabalho era artesanal. Era artesanal.

Ah, sim, eu estou me lembrando de uma coisa. Quando eu vim para o Rio, eu não vim desempregado, não. Eu não vim aqui para tentar, não. Não foi isso. Eu estava ainda na direção da Telepress e eu vim para trabalhar na Telepress aqui no Rio, onde eu trabalhei aliás. É, eu trabalhei na Telepress. Eu vim de lá para trabalhar na Telepress.

Entrevistador 2 – Bom mineiro, já veio com o emprego seguro.

D.B. – Já vim com o emprego seguro. Então, vim trabalhar na Telepress. Fiquei... Aí, eu não tinha casa, eu morava lá mesmo. A agência era aqui na Graça Aranha, e eu não tinha dinheiro e os meus 22 mil, milhões de cruzeiros ou mil cruzeiros que eu tinha, ele não me pagou...

Entrevistador 3 – Acumulado.

D.B. – Ele deixou eu dormir... O Amorim Parga deixava que eu dormisse lá no escritório, na sede da agência. Era aqui na Graça Aranha, 19, no décimo andar, ou por aí. Eu trabalhava lá. E trabalhei um bom tempo na Telepress. Trabalhei com o Haroldo Holanda, Marinus Castro, Milhomem, com o Valadares. E aí, na Telepress, eu fazia... preparava os telegramas para a emissão para os estados, para os jornais dos estados, para as sucursais.

Entrevistador 2 – Você não tentou o *Diário Carioca*, onde você já era conhecido, não?

D.B. – Eu tentei, mas aí... Agora eu estou me lembrando. Eu tentei o *Diário Carioca*, mas não dava. Havia dificuldade. O Castello já tinha saído, acho que o Pompeu já não estava mais lá... Estava o Wilson de Oliveira. Mas foi difícil. Eu não consegui voltar para o *Diário Carioca*. Bem, e coincidiu com a eleição do... O Juscelino já estava eleito. Não. Eu fiquei na Telepress... O Juscelino foi eleito em...

Entrevistador 2 – Em 1955.

D.B. – Em 1955. Ele foi eleito em outubro, não é?

Entrevistador 2 – Em outubro.

D.B. – Em outubro. Eu fiquei na Telepress, com certeza, até depois de outubro, e trabalhei num jornal... Isso é memória, não é? Eu trabalhei aqui em *Novos Rumos*, que era um jornal da Juventude Comunista. Era um jornal da Juventude Comunista. Eu trabalhei em *Novos Rumos* – eu recebia dinheiro pelo trabalho. E fiquei um bom tempo. Nesse período todo de

Telepress, desde que eu cheguei aqui, eu comecei a trabalhar em *Novos Rumos*. Eu fazia entrevistas. Eu entrevistei, eu me lembro, porque tem uma história curiosa...

Entrevistador 1 – Derly, isso é memória, eu acho que você pode ficar um pouco mais à vontade.

D.B. – É. Eu me lembro de...

Entrevistador 1 – É o seguinte, e pode ficar até registrado isso, fica à vontade porque depois a gente limpa o que está registrado.

D.B. – Perfeito. Então, eu trabalhei em *Novos Rumos*...

Entrevistador 1 – Isso é bom que você sabe a dificuldade que nós estamos vivendo, é bom registrar.

D.B. – Trabalhei em *Novos Rumos*. Eu era entrevistador, em *Novos Rumos*. Eu me lembro de ter feito uma entrevista com o Ataulfo Alves.

Entrevistador 2 – O Ataulfo Alves, é?

D.B. – Com o Ataulfo Alves. E foi uma coisa curiosa porque um outro colega, um outro companheiro, ele havia tentado fazer a entrevista com o Ataulfo e não conseguiu, porque o Ataulfo disse: “Não, esse jornal é um jornal comunista, eu não vou dar entrevista para ele. Não dou entrevista para jornal comunista”. E o Ataulfo ficou sabendo que esse repórter era de um estado aí, vamos dizer, era paraibano. Bem, e me pediram para fazer a entrevista com o Ataulfo Alves. Eu fui lá, procurei pelo Ataulfo na UBC [União Brasileira de Compositores] e disse que queria fazer uma entrevista com ele, e escondi o nome do jornal o mais que pude. E ele disse: “Mas vem cá, me parece que esse jornal que o senhor trabalha é aquele que tem aquele paraibano, não é?”. Eu disse: “Não, não. O senhor está enganado. Não é o jornal do paraibano, não. Eu nem conheço esse paraibano”. Ele acabou dando a entrevista, e tocou para mim, executou ao violão, pela primeira vez para um jornalista – disse ele, era uma das poucas

peessoas que tinham ouvido aquela composição –, aquela música em que ele falava dos compositores, que deviam deixar o povo cantar. Pedia que fizessem poemas bonitos e deixassem que povo cantasse. Disse ele que era uma exortação aos compositores que faziam caitituagem. Ele queria que o sucesso da música popular fosse espontâneo, e não aquele fabricado por caitituagem. Bem, deu uma entrevista muito interessante, publicada no jornal do paraibano. Quando ele soube disso, ficou uma fera. [risos] Mas já tinha passado, já estava na rua e...

E aí, pelo trabalho na *Novos Rumos*, eu recebia dinheiro. Na *Telepress*, embora ele me devesse muito dinheiro e não me pagasse, ele me pagava o trabalho...

Entrevistador 3 – [Pagava] a hospedagem.

D.B. – [Pagava] a hospedagem. A hospedagem...

Entrevistador 3 – Derly, você trabalhava quantas horas? Quantas horas você dedicava à *Telepress* e quantas horas a *Novos Rumos*?

D.B. – Eu começava pela manhã e terminava à noite. Eu começava às oito ou nove horas na *Telepress*, ia até às três ou quatro e, em seguida, eu ia para a *Novos Rumos*, que era um jornal semanário. Não, era quinzenal. Semanário.

Entrevistador 3 – Você ganhava quanto?

D.B. – Onde?

Entrevistador 3 – No *Novos Rumos*. Você lembra?

D.B. – Não, não tinha um dinheiro fixo. Era um jornal da Juventude e você tinha direito a algum dinheiro.

Entrevistador 3 – Você tinha uma espécie de um pró-labore.



D.B. – É, era um pró-labore. E na Telepress...

Entrevistador 2 – E os salários dos repórteres na época... Qual era o grande salário do repórter na época?

D.B. – Na época, aí eu não sabia. Até aí, eu não sabia. Aqui no Rio, eu não sabia. Em Belo Horizonte, o grande salário... Também eu nunca soube qual era o grande salário de repórter lá. O salário de repórter talvez fosse até nenhum, porque o pessoal se ligava muito em emprego público. É um aspecto. Em Belo Horizonte, por exemplo, nesse período, quando eu comecei, ninguém fazia questão de dinheiro, na redação. O repórter não fazia. Porque, normalmente, eram funcionários públicos. Todos eles eram funcionários públicos. Ou quase todos. O Wilson Correia, eu não me lembro. Não me lembro de Wilson ser funcionário. Mas eu acredito que fosse funcionário público.

Entrevistador 3 – Não havia nenhum sentido **[inaudível]**.

D.B. – Não, não havia. Havia o seguinte: você também tinha o direito de procurar até publicidade...

Entrevistador 2 – Como era o mecanismo? Ele primeiro virava repórter e depois funcionário público? Como era essa...? Como é que ele conseguia...?

D.B. – Eu acredito que alguns...

Entrevistador 3 – **[Inaudível]**.

D.B. – Não, porque havia gente muito viva.

Entrevistador 2 – **[Inaudível]** talvez ajudasse. Eu tenho impressão, não sei se... Para ajudar o seu depoimento nesse ponto. O jornal facilitava o acesso ao emprego público. Eu tenho impressão que havia, nesse mecanismo, uma espécie de troca de favores, não é?

D.B. – É evidente que sim. Havia...

Entrevistador 3 – Ou vocês tinha que cavar o...?

D.B. – Não, eu nunca tive emprego público. Eu não tinha emprego público. Mas eu acredito que, pelas relações de trabalho, você era normalmente convidado, você chegava ao emprego público. Você podia insinuar. E você prestava serviço depois: você não hostilizava, você não... Você não fazia realmente jornalismo. Você apenas dava os pequenos fatos...

Entrevistador 2 – Isso é uma coisa que funciona aí até hoje.

D.B. – Ainda hoje você vê. É muito fácil isso, entende? Naquele tempo, muito mais. Hoje não é comum, não é usual, mas antes era comum. Dizendo um caso: o Bernardino... Bernardino. Eu não sei se é Gomes de Matos. Esse homem era escrivão de polícia, de trânsito, em Belo Horizonte, e era repórter de polícia. Ou mesmo o Wilson Castello Branco, um grande profissional, um grande escritor, um grande jurista: ele era advogado da Rede Mineira de Viação e diretor de redação ou secretário de redação da *Folha de Minas*. Mas não havia, no caso aí, a indignidade desses dois. Eles se comportavam com a maior grandeza.

Entrevistador 2 – E mais ou menos nessa época, [inaudível] um secretário de redação que era delegado de polícia.

D.B. – Ah, é o **Titio**... Como é que se chama? Eu me esqueço. Eu trabalhei com ele em *O Jornal*. É um de cabelos grisalhos.

Entrevistador 2 – De cabelos grisalhos.

D.B. – Eu sei. O apelido dele era **Titio**. Esse é delegado até hoje. Ele era...

Entrevistador 3 – Derly, em um minuto, voltando à sua atividade para uma entrevista com o Ataulfo, fora da vida jornalística, e isso é apenas para tentar... Como era a sua vida pessoal? Como é que você vivia?

D.B. – Eu vivia da pior maneira possível. No caso aqui...

Entrevistador 3 – Dormia e trabalhava?

D.B. – Dormia e trabalhava. Dormia e trabalhava e conversava. Tinha grandes papos, com grandes... Tenho grandes amigos aí. Papo, aqui na Cinelândia. Batíamos papo aí com amigos.

Entrevistador 2 – E onde o pessoal se reunia?

D.B. – Ali no Alvaládia. Aqui no Rio, no Alvaládia.

Entrevistador 3 – Era um núcleo jornalístico, vamos dizer assim?

D.B. – Era. Tinha muito jornalista.

Entrevistador 2 – Onde fica o Alvaládia?

D.B. – O Alvaládia fica aqui na... Nessa rua perto...

Entrevistador 2 – Na Alcindo Guanabara?

D.B. – Não.

Entrevistador 2 – Na Álvaro Alvim?

D.B. – Álvaro Alvim com...

Entrevistador 3 – Francisco Serrador?

D.B. – Naquelas imediações.

Entrevistador 3 – Em uma daquelas ruelas ali.

D.B. – É em uma daquelas. Mas sempre tínhamos isso. E namoradinhas aí, mas não tinha nenhuma coisa a ressaltar de vida pessoal a não ser essa de ter que dormir e trabalhar e conversar com os amigos e beber. E se bebia. Não se bebia demais. Eu nunca bebi demais. Mas alguns bebiam muito. No Alvalá, aqui, era muito comum grupos grandes. Foi onde eu conheci esse pessoal de cinema, do *Rio 40 Graus*...

Entrevistador 2 – É um ponto inclusive de encontro de intelectuais, artistas... Eu já sei onde é.

D.B. – Exato. Mas naquele tempo era bem mais. Tinha grandes amigos pessoais aí...

Entrevistador 2 – Hoje, é mais o pessoal de cinema.

D.B. – O Nelson Pereira dos Santos, eu conheci aqui; o Diógenes Dagoberto, também ligado a cinema... Muita gente de cinema e de jornal. E os amigos, os poucos amigos. Era uma vida sedentária, apesar de... Era uma vida sedentária, sem nenhuma preocupação...

Entrevistador 2 – De *Novos Rumos*, você foi para onde?

D.B. – Bem, *Novos Rumos* e a Telepress. Bem, aí eu fui para *A Noite*.

Entrevistador 2 – Em que época?

D.B. – *A Noite* já foi em 1956, eu acredito. Em 1956, com o Hélio Fernandes e o Joel Silveira.

Entrevistador 2 – Mas aí, já como empregado...

D.B. – Já como empregado.

Entrevistador 2 – ...com carteira assinada?

D.B. – Nada de carteira assinada. Eu nem tinha carteira profissional. Nem registro de jornalista eu tinha. É um descuido completo. Nunca tive orientação nenhuma de que...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

D.B. – Eu vou para *A Noite*, e estavam lá Joel Silveira e Hélio Fernandes. O Hélio Fernandes, diretor de redação e o Joel, secretário. Bem, e o Joel decidiu... E os dois decidiram que o jornal... Já estava um jornal ruim. Era um jornal do governo, você sabe, que era orientado pela Casa Civil da Presidência da República do Juscelino – naquele tempo, era o Álvaro... Esse que foi embaixador em Portugal.

Entrevistador 3 – Álvaro Lins?

D.B. – Álvaro Lins. E o Hélio e o Joel disseram para mim, o repórter... Eu não me lembro por que e quem me levou para lá. Eu não me lembro. Mas o Hélio e o Joel disseram que queriam fazer um jornal mais vibrante, um jornal mais... com manchete, um jornal para vender, para ter repercussão, porque precisava ajudar o governo, criar um veículo para o governo. Bem, não argumentou assim, mas eu entendi. Eu sabia quais eram as ligações d'*A Noite*, que era uma empresa, um jornal editado pela Superintendência das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União. Era um jornal do governo, estava na cara. E eles queriam fazer matérias, reportagens de impacto, para ver se conseguiam melhorar o jornal, porque o jornal estava realmente ruim. E eles bolaram uma coisa...

Entrevistador 2 – Como se situavam os jornais nessa época? Quais os grandes jornais aqui? Porque aí já começa a chegar a reforma do *Jornal do Brasil*. Seria bom se você pudesse situar os jornais de maior repercussão e, vamos dizer assim, a linha editorial deles. Assim, em largas pinceladas.

D.B. – Aí, me parece que você... Eu não tenho condições de fazer, com segurança, isso.

Entrevistador 2 – Mas numa visão sua, talvez.

D.B. – Eu vejo o seguinte: a *Tribuna da Imprensa* era o jornal de maior eco. Ela realmente marcava bastante. Era um jornal político, polêmico, um jornal... E com uma linguagem bastante forte e com público. Era um jornal que repercutia. Talvez até formasse opinião. *O Globo* era um jornal que jogava na mesma linha da... Na minha visão. Eu não estou dizendo que a coisa fosse exatamente essa. *O Globo* se situava, um pouco mais moderadamente, mas do lado da *Tribuna*. A *Última Hora*, um jornal que já tinha levado uns trancos fortíssimos aí, era um jornal já abalado, em decadência. Ou abalado. Em decadência, talvez não, porque... Mas abalado, bastante abalado, fortemente abalado. O *Diário Carioca*, um jornal...

Entrevistador 2 – Mas vendia muito ainda, não é? A *Última Hora* vendia muito.

D.B. – Eu não creio, não. Eu acho que o jornal perdeu inclusive público. Depois da grande crise, o jornal perdeu público. O *Diário Carioca*... Eu não sei qual era a posição do *Diário Carioca* politicamente, mas eu acredito que o jornal... Era bastante conservador, também. Pelos diretores, era um jornal bastante conservador. Pelo diretor, era um jornal conservador. E os compromissos dele, embora pessedistas, eram compromissos conservadores. *O Globo* então está situado, a *Tribuna*...

Entrevistador 2 – E o *Correio da Manhã*?

D.B. – O *Correio da Manhã*, que era o mais independente e com grande força, mas era capaz de ser levado ao governo, entende? Era um grande jornal. Era um jornal incrível. Mas ele era capaz de ficar... Ele estava do lado do governo. Por obra e graça do governo, e pelo Tesouro, certamente. O Tesouro aí com ‘t’ menor, não é? . O Tesouro Nacional. Mas o *Correio* era bastante flexível. Ele era flexível a esse tipo de argumento.

Entrevistador 2 – E o *Jornal do Brasil*?

D.B. – O *Jornal do Brasil* ainda não tinha... O *Jornal do Brasil* era um jornal de serviços: “aluga-se...”.

Entrevistador 2 – Era um jornal de classificados.

D.B. – Era um jornal de classificados e com um público específico, importantíssimo. O *Jornal do Brasil* tinha um público importantíssimo. Um editorial do *Jornal do Brasil* abalava, realmente. Era um jornal que tinha compostura, e tinha prestígio, realmente. Ele interpretava a nata dos conservadores. Então, era um jornal que, quando opinava, era tiro e queda.

Entrevistador 2 – Mas tinha repercussão também?

D.B. – Não tinha repercussão popular. Ele tinha repercussão na área específica. Os jornais de repercussão popular, onde *A Noite* queria entrar, eu creio que eram: *Tribuna*; *O Globo*; de algum modo, a *Última Hora*; de algum modo, o *Diário Carioca*; e também o *Correio da Manhã*.

*A Noite*, o propósito do Hélio... Mas era um propósito inviável, na verdade, porque... E depois se viu que era inviável. O propósito era tentar fazer com que *A Noite* recuperasse o prestígio que *A Noite* chegou a ter. *A Noite* chegou a ser, pelo que eu soube, o mais importante vespertino do Rio. Então, ele queria tentar voltar a dar [ao jornal] *A Noite* aquele *status*. Tentar fazer aquilo. E a tática ou arma que ele pensava usar era a da manchete para vender, a manchete para atrair o público.

Entrevistador 2 – O vespertino era vespertino mesmo, Derly?

D.B. – Houve um tempo que sim. Depois não. Depois eles começaram a se confundir muito, o vespertino com o matutino. E isso foi o Samuel Wainer...

Entrevistador 2 – E hoje não existe mais vespertino.

D.B. – Hoje não existe mais vespertino. O Samuel Wainer é que conseguiu... Nesse negócio de segundo clichê, de duas edições, aí é que ele começou a quebrar o compromisso, o acordo que havia entre os jornais, entre matutinos e vespertinos. Esse acordo foi rompido, parece que por Samuel Wainer. E *O Globo* acabou se aproveitando disso. *O Globo* acabou se aproveitando disso. E os outros se aquietaram, concordaram com a ruptura desse compromisso e hoje não existe mais matutino nem vespertino, é tudo matutino.

Entrevistador 2 – *A Noite* circulava em banca a que horas?

D.B. – Eu não sei. Mas era cedo. Era um pouco depois do matutino.

Entrevistador 3 – Acho que era por volta de umas quatro horas da tarde, não?

D.B. – Não, não. Era antes disso. Era pouco depois...

Entrevistador 2 – Aí já estava se misturando, não é? Já era a fase de... Não estava demarcado.

D.B. – Não estava. Essa demarcação já tinha ido *pro brejo*. Essa fronteira que havia, esse muro que havia, separando os dois, já havia sido derrubado. Ou já estava sendo derrubado. Mas então, o negócio era a manchete.

Entrevistador 2 – Qual manchete? A manchete política?

D.B. – Não, a manchete de campanha, com característica de campanha. Matéria dirigida a público, bem gritante, bem berrante, para atingir o leitor, para interessar o leitor, fazer o leitor comprar aquilo lá.

Entrevistador 2 – Derly, você chegou a essa redação para fazer o quê?

D.B. – Eu fui para ser repórter. Aí, repórter de geral. Bem, então, eles... O Joel parecia ter um tema muito bom para começar a campanha, que era o ensino. Realmente, era um tema fabuloso. Mas eu tinha, apesar de tudo, uma experiência muito pequena de Rio. Então, o



jornal articulou com o Sindicato dos Professores Secundários de fornecer material. A **Boité**, a **Maria Boité**, me parece, e o Coelho, que, eu não sei, era um secretário, um dirigente do sindicato, eles concordaram em nos dar assessoria para essa campanha, nos dar as informações, documentos, argumentos e linha para essa campanha. Então, começamos a fazer campanha em *A Noite* – e eu fazia o texto, as matérias –, fazer campanha contra o ensino pago, a qualidade do ensino, a indústria do ensino, a mercantilização do ensino, o maltrato do professor. Pensando com isso em atingir professor e aluno. Porque você tem uma massa grande, realmente, de pessoas aí em potencial a atingir.

A campanha foi feita, deu uma repercussão, mas não aquela que se esperava, porque o veículo era realmente ruim. E a campanha não era bem trabalhada porque os professores, como informantes, eles eram facciosos. Eles estavam vendo principalmente o interesse deles. Eles não correspondiam... As informações não correspondiam àquilo que a campanha se propunha, que era atingir realmente a massa de estudantes, abrir uma discussão maior sobre o ensino e interessar essa massa.

Então, foram feitas algumas matérias nessa campanha, que deu alguma repercussão, segundo eu soube. O jornal realmente foi solicitado; houve pronunciamento dos donos de colégio contra a campanha; houve ação de dono de colégio sobre o governo contra *A Noite*. Houve uma pequena repercussão do trabalho, mas não em termos de público. Incomodou interesses, mas não deu público para *A Noite*.

Mas acontecia às vezes uma coisa engraçada. O Hélio... O Hélio não. O Joel chegava à redação e bolava uma manchete. Ele bolava uma manchete. Vamos dizer assim... Uma manchete bem dentro do tema, é claro, dentro da campanha. Ele bolava uma manchete bastante forte: “Tubarões do ensino devem ir para a cadeia”. Mas não tinha matéria para aquilo. E ele dizia o seguinte: “Olha, a manchete é essa, e o texto...”. O texto... [riso]

Entrevistador 3 – Ele bolava a manchete e tinha que criar a matéria.

D.B. – O texto tinha que ser de acordo com a manchete. Bem, isso aconteceu, essa campanha durou algum tempo...

Entrevistador 1 – Você podia detalhar mais o funcionamento de uma redação, da redação d’*A Noite*, por exemplo?

D.B. – *A Noite* tinha uma redação muito grande.

Entrevistador 3 – Porque exemplos assim mostram um pouco como é que funcionava o jornal.

D.B. – Aqui no Rio, nesse período, não havia muita diferença do jornalismo em Belo Horizonte. A vantagem sobre Belo Horizonte, sobre o jornalismo que se fazia em Belo Horizonte era de que aqui você tinha a informação, você tinha a matéria-prima e você podia trabalhar. Então, o trabalho não era muito diferente, o trabalho, a mecânica do trabalho – você coletar a informação, escrever e entregar para a secretaria. Não havia muita diferença. Era isso. Agora, a diagramação era outra. Você sabe que se você tinha um texto comprido, um texto longo, a diagramação era feita, quebrava a matéria e você... continua na página lá dentro. Então, não era muito diferente, não. O que há hoje em relação ao passado é que você já prepara um texto de acordo com o espaço a ser ocupado pela matéria. Você, hoje, já não faz corte de matéria. Você não tem “continua na página x”. É raro acontecer isso. Só em um discurso, em uma matéria muito mais longa é que você continua na página tal. Mas isso ainda existe hoje. Isso é um ranço ainda ou, sei lá, uma necessidade...

Entrevistador 3 – *A Folha* funcionava aonde?

D.B. – *A Folha de Minas*?

Entrevistador 3 – *A Noite*, desculpe. *A Noite* funcionava aonde?

D.B. – Ela funcionava aqui na Praça Mauá, num andar baixo, talvez sobreloja ou segundo andar, no edifício...

Entrevistador 3 – Ela ocupava todo o andar?

D.B. – Sim, todo o andar. Era uma grande redação, e gente *pra burro*.

Entrevistador 3 – E os grandes nomes da redação quais eram?

D.B. – Não, eu não me lembro de grandes nomes, não. Ah, eu me lembro... O **Silva Donato** trabalhou lá. Mas eu não me lembro, não. Tinha o pessoal que fazia a boêmia, não é?

Entrevistador 3 – O grande repórter político d'*A Noite* na tua época?

D.B. – Não, isso eu não... Eu não conheço, não. Mas não devia haver. O noticiário era mais... Não havia. Era um noticiário de governo.

Entrevistador 3 – Você continuou trabalhando na Telepress e no *Novos Rumos*, nesse período d'*A Noite*?

D.B. – Aí, quando eu vou para *A Noite*, eu já deixei a Telepress. Aí eu saí da Telepress.

Entrevistador 3 – E no *A Noite* você já entrou com salário?

D.B. – Já entrei com salário. Eu recebia salário, mas não tinha carteira.

Entrevistador 2 – Quanto você ganhava?

D.B. – Eu não me lembro, não. Mas era bem pouco. Era um salário... Não era um grande salário, não.

Entrevistador 3 – Mas deixou a Telepress, perdeu a hospedagem.

D.B. – Perdi a hospedagem. Não tinha onde morar. Aí, fiquei no *Novos Rumos*... Continuava... Dava para sobreviver, nessa vida...

Entrevistador 3 – Contida.

D.B. – ...contida. Era realmente contida. Não era miserável, mas era muito contida.

Entrevistador 2 – Nessa época, como era realmente o jornalismo? Quer dizer, você já saiu de uma agência e de um semanário e agora você...

D.B. – Não, eu continuei no semanário. Em *A Noite* e no semanário.

Entrevistador 2 – E como era a imprensa na época? Porque aí você já está integrado numa grande redação, então, você já começa a ter um tipo de convivência diferente.

Entrevistador 3 – E aí é bom, a reboque da pergunta do [inaudível], o nível dos repórteres de um modo geral, se você pudesse falar.

D.B. – Olha, ainda não dá. Até *A Noite*, não dá para eu conviver... Eu não convivi com repórteres. Porque eu me isolava bastante. Eu me isolava. As minhas relações ficavam mais ou menos restritas. Era o secretário da redação... Eu estava fora do normal dos repórteres, porque eu estava trabalhando com a direção do jornal e não tinha convivência. Eu chegava no jornal, ficava muito pouco tempo e saía para a rua para trabalhar. Eu não convivi com muitos repórteres, não posso dizer qual era o nível do pessoal. Em *A Noite* não foi uma experiência muito marcante. Me permitiu trabalhar e ganhar algum dinheiro.

Entrevistador 2 – Quanto tempo você ficou?

D.B. – Eu devo ter ficado um ano, um ano ou dois anos. No máximo, dois anos. Embora no caso aí seja importante esse período, eu não sei, mas em torno de dois anos.

Entrevistador 2 – Do *A Noite*, você foi para o *JB*?

D.B. – Do *A Noite*, eu fui para a *Última Hora*. Aí, sim. Aí eu acho que já começo a me integrar realmente. É na *Última Hora* que eu começo...

Entrevistador 1 – E é em que ano, você tem ideia?

D.B. – Em 1957. Então, no *A Noite* eu fiquei menos de dois anos. Eu fiquei um ano, talvez, no *A Noite*, em 1956. Aliás, eu comecei a trabalhar na *Última Hora* e também trabalhava no *A Noite*, em 1957. Mas acho que no meio de 1957 eu vou para a *Última Hora*, aqui na Presidente Vargas. Funcionava no edifício da Érica, na Presidente Vargas, onde está...

Entrevistador 2 – Em frente à rua de Santana.

D.B. – Em frente à rua de Santana. Aí, sim, eu já começo... Aí eu já posso me considerar integrado, já começando a viver realmente...

Entrevistador 3 – Absorvido pelo sistema.

D.B. – Aqui, já na imprensa. Aí, sim, é quando começo a ter essas preocupações maiores, de carteira profissional, de registro profissional e de conviver com companheiros. Então, na *Última Hora*, aqui na Presidente Vargas, eu trabalho com o Mauritônio Meira, que era o chefe de reportagem geral – eu trabalhava na reportagem geral –; o Antônio Luiz Carbone, que estava começando no jornalismo, trabalhamos juntos na reportagem geral, fazendo matérias de pauta, pautadas. Aí você... Talvez a minha integração... Talvez aí, na *Última Hora*, eu comece a ter realmente contato com o jornalismo. Em 1957, eu creio que é quando eu começo a ter contato com o jornalismo mais organizado. É quando você vê o chefe de reportagem, uma figura definida; a pauta, a designação do tema que você vai trabalhar, vai cobrir; você sabe a quem entregar a matéria; você já sabe que existe o homem que vai ler o texto, vai rever, fazer a revisão; e você já sente os lugares determinados para o trabalho, para...

Entrevistador 3 – As editorias divididas.

D.B. – Algumas editorias divididas, já definidas, já com um trabalho realmente racional. Então, na *Última Hora*, aí eu sou capaz de citar nomes sem muito erro, embora a memória... Embora, já tem tanto tempo, eu vá esquecer de pessoas e até colocar pessoas...

[FINAL DO ARQUIVO 1002\_DERLY\_BARRETO\_18.03.1977\_01b]

D.B. – ...colocar pessoas nessa época que não estavam. Mas o Mauritônio Meira era chefe de reportagem; o Carbone trabalhando...

Entrevistador 2 – E o chefe de redação?

D.B. – Era o Josimar Moreira. E o Samuel, com a loucura dele, sempre fazendo intervenções, interferindo no jornal. O dono do jornal interferindo, indo na redação... Ele foi o primeiro dono de jornal... Embora isso acontecesse no *Diário Carioca*. Você tinha também, no *Diário Carioca*, uma coisa parecida com isso. Você tinha. Mas em ponto muito menor. No *Diário Carioca*, você tinha acesso ao gabinete do diretor... do chefe de redação, aliás. Você tinha acesso. Até ao gabinete do diretor você tinha acesso, com certa sem-cerimônia, com certa facilidade. Mas onde você vê isso mais nitidamente, onde eu vi com mais nitidez foi na *Última Hora*.

Entrevistador 1 – Derly, nós já estamos em 1957 e, ao que consta, o *Jornal do Brasil* já tinha mudado um pouco. Isso não repercutia, não? Ou, para você, passou despercebido?

D.B. – Não, porque a revolução do *Jornal do Brasil* não foi instantânea. Não, eu comecei no *Jornal do Brasil* praticamente na época em que começou o trabalho.

Entrevistador 1 – Em 1956 ainda não tinha muita coisa.

D.B. – Não, o *Jornal do Brasil*... Então, eu fui para a *Última Hora* em 1956. Eu estou confundindo um pouco as datas. Ou talvez nem seja. Porque a *Última Hora* já tinha esse sistema. Veja bem, a *Última Hora*... Eu comecei na *Última Hora* e, depois, o *Jornal do Brasil*. Da *Última Hora*... Eu acumulei *Jornal do Brasil* e *Última Hora*. A *Última Hora* tinha um sistema de trabalho que era o mesmo do *Jornal do Brasil*. Quer dizer, a diferença... O *Jornal do Brasil* começa em 1956 ou 1957...

Entrevistador 2 – Em 1957, e em 1959 é que realmente...

D.B. – Não, não. O Odylo vai para o *Jornal do Brasil* em que ano?

Entrevistador 1 – O Odylo é em 1956.

D.B. – Em 1956. Mas quando?

Entrevistador 1 – Parece que no final do ano.

D.B. – Pois bem, então, em 1956. Em 1957. Porque o Odylo, quando começou, quando assumiu o *Jornal do Brasil*, ele não foi mudando o *Jornal do Brasil*.

Entrevistador 1 – Não.

D.B. – Não houve nada disso. Não houve. E ele deve ter explicado isso aqui: não houve uma grande mudança no *Jornal do Brasil*. Bem, antes de ir para o *Jornal do Brasil*, eu estava na *Última Hora* e, na *Última Hora*, eu vi... Foi a primeira vez que eu tive contato com uma redação mais organizada, mais organizada que aquela que já existia, como embrião, no *Diário Carioca*. Na *Última Hora*, você já tinha a redação definida: o chefe de reportagem, o chefe de redação, os repórteres políticos, você já tinha os colunistas, como **Moura Politze**; o pai do Carlos Renato, o Renato de Castro; você já tinha o Nelson Rodrigues...

Entrevistador 2 – Marques Rebelo.

D.B. – Marques Rebelo...

Entrevistador 1 – Moacir Werneck?

D.B. – Moacir Werneck, não, eu não me lembro. Você tinha o próprio Maurítônio, fazendo as críticas de livros. O Moacir Werneck chefiou, mas ele não era colunista.

Entrevistador 2 – Era chefe da redação, uma espécie de diretor. Era chefe de redação, não é? Editorialista.

D.B. – Isso, era editorialista. O Nelson Werneck era editorialista. [confundindo-se]

Entrevistador 2 – O Moacir Werneck.

D.B. – Moacir Werneck. Exato, ele era... Ou era secretário... Sei lá, ele tinha uma posição qualquer assim. Editorialista, com certeza. Então, você já tinha... As pessoas já estavam claramente acondicionadas, ou colocadas, posicionadas nos compartimentos. Você já tinha essa definição. A redação, é claro que à máquina... Era uma mesa grande com máquinas, uma mesa coletiva. Mas a coisa já estava mais clara. E me parece que nessa época já havia o papel pautado, quer dizer, a lauda. A lauda, já havia.

Entrevistador 2 – Foi uma inovação que surgiu com a *Última Hora*?

D.B. – Acho que sim. Acho que surgiu com a *Última Hora*.

Entrevistador 1 – A lauda, é?

D.B. – A lauda. A lauda surgiu com a *Última Hora*. Porque antes você tinha o papel branco. Era o papel comum.

Entrevistador 1 – O papel de ofício.

D.B. – O papel de ofício. E você mandava brasa naquilo ali.

Entrevistador 2 – O papel pardo, não é?

D.B. – Não, era papel branco. Era a resma. Era resto de bobina recortado. Era um papel comum. Papel de jornal, mas era papel... A lauda começa na *Última Hora*, eu tenho quase certeza disso. Tenho quase certeza. Talvez... É com a *Última Hora*.



Entrevistador 1 – Você já tem uma inovação a ser...

D.B. – A ser creditada a Samuel.

Entrevistador 1 – A Samuel. Mas você já foi para a *Última Hora* também na redação geral?

D.B. – Para a reportagem geral. Então, vou para a *Última Hora*. E em seguida, pouco tempo depois, eu vou para o *Jornal do Brasil*, aonde reencontro o Wilson Figueiredo. E aí eu vou fazer um... Porque o Wilson Figueiredo... Eu vim para o Rio. Saí da *Folha de Minas*, disse que vinha para o Rio, vim para o Rio, para trabalhar na Telepress. E da minha turma – eu vou chamar minha turma... Vou chamar de geração. Da minha geração, o primeiro sou eu. Daquela gente de jornal, daquela geração... Vamos chamar de geração. Eu sei que é impróprio, mas vamos chamar. Daquela geração ali, o primeiro sujeito a vir para o Rio foi o Derly. Eu fui o primeiro a vir para cá. E algum tempo depois, em 1955 ainda, início de 1956, o Wilson Figueiredo se dispõe a deixar Belo Horizonte e eu falo com o Figueiredo... Porque eu trabalhei também, aqui no Rio, na sucursal da *Folha de Minas*. Eu trabalhava na Telepress, em *Novos Rumos* e, à noite, na sucursal da *Folha de Minas*, como telefonista. Eu lia... Porque às dez horas, de nove às dez horas, tinha transmissão, por telefone, de notícias para a *Folha de Minas*. Então, as notícias que não eram mandadas pela agência e nem eles conseguiam recortar d’*O Globo* porque o jornal atrasava ou alguma coisa qualquer, à noite...

Entrevistador 3 – Um malabarismo, não é?

D.B. – É. À noite, o Valadares, daqui do Rio, passava por telefone. Então, era um telefone... “Alô. Rio, da sucursal. O presidente Juscelino Kubitschek assinou um decreto...”. Então, era por telefone. E tinha um datilógrafo lá . Esse trabalho, também eu fiz em Belo Horizonte, pegar a notícia daqui do Rio lá em Belo Horizonte. Então, passei a ser o telefonista daqui para lá. E me pagavam por isso, também. Bem, em uma dessas noites em que eu estava trabalhando na sucursal como telefonista, na sucursal da *Folha de Minas*, o Wilson Figueiredo vai ao telefone e diz que estava com vontade de vir para o Rio. Eu achei um negócio sensacional e disse: “Eu vou arranjar emprego para você aqui”. Eu trabalhava na

*Última Hora*... Eu estava... Eu fui para a *Última Hora* mais ou menos depois. É isso, sim. Fui para a *Última Hora* ou já estava na *Última Hora*. Foi um período aí... Eu já estava na *Última Hora*. O certo é que eu conversei com o Josimar Moreira, falo com o Josimar sobre o Wilson Figueiredo – disse que era um grande jornalista –, o Josimar já tinha ouvido falar do Wilson Figueiredo, o Josimar acerta com o Samuel e eu dou a resposta ao Figueiredo de que tinha um emprego para ele de redator na *Última Hora*. Então, vem o Figueiredo e assume a *Última Hora* e faz reportagem política, faz texto, na *Última Hora*. O Samuel gostou muito dele. Ele mostrou que realmente era um grande profissional. E é um grande profissional. É um sujeito de texto brilhante. Ele era, realmente, muito bom jornalista. O texto é ótimo, é sensacional. É um grande texto.

O Figueiredo trabalhou na *Última Hora* durante algum tempo e saiu da *Última Hora*, indo para o *Jornal do Brasil*, levado aí, talvez, pelo Odylo. Porque o Figueiredo é escritor, é poeta, também. Mas ele era conhecido do Odylo, ou então tinha uma aproximação, e ele vai para o *Jornal do Brasil*.

Entrevistador 3 – Onde vocês se reencontraram.

D.B. – Eu me encontro com o Figueiredo, em 1957, por aí, no *Jornal do Brasil*.

Entrevistador 2 – Você foi [para o *Jornal do Brasil*] levado pelo Figueiredo?

D.B. – Eu não sei se há um contato do Figueiredo ou se... Eu não sei. Não, não deve ter havido um contato, o Figueiredo me levando para o *Jornal do Brasil*. Acho que não. Não, eu acho que eu me apresentei. Não, foi o seguinte: eu me apresentei... Eu sabia que o *Jornal do Brasil* ia começar... estava dando emprego... , que o *Jornal do Brasil* ia mudar e eu fui ao Odylo e pedi emprego, e o Odylo me deu o emprego. O Odylo, a essa altura... Não sei. Talvez do *Diário Carioca*.

Entrevistador 3 – Ele já te conhecia.

D.B. – É, ele já devia [conhecer]. Ele não era desconhecido. Ou eu apresentei para ele o currículo e disse de onde eu tinha vindo, que eu tinha trabalhado no *Diário Carioca*, no *A Noite*... Não, não é nada disso. O Odylo era superintendente das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União. Ele estava na Superintendência das Empresas e, portanto, estava acima do Hélio em *A Noite*. Eu conheci o Odylo lá na superintendência, exatamente. Eu conheci o Odylo na superintendência. Ele foi para o *Jornal do Brasil* e eu pedi emprego a ele. Então, ele já me conhecia...

Entrevistador 3 – Conheceu em 1955?

D.B. – Em 1955, no *A Noite*. Ele não foi...? Ele não disse?

Entrevistador 2 – Foi sim.

D.B. – É, foi isso, eu o conheci na Superintendência das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União. Então, fui ao Odylo, pedi emprego, ele me deu o emprego, porque ele já conhecia o meu trabalho no *A Noite*, não é? Porque ele ficou algum tempo no *A Noite*. Ele ficou como superintendente durante algum tempo. Foi o governo de Café?

Entrevistador 3 – De Café Filho.

D.B. – O Café foi quando?

Entrevistador 3 – Em 1954 e 1955.

D.B. – Não, mas tinha [inaudível] lá, rapaz, no *A Noite*.

Entrevistador 2 – Até novembro de 1955, foi o Café Filho.

D.B. – De 1955?

Entrevistador 2 – É. Em agosto de 1954, morre o Getúlio, e ele assume e fica até novembro de 1955.

D.B. – Eu conheci o Odylo... Agora eu não sei. Eu era... Não sei. É alguma coisa qualquer. Eu conhecia o Odylo e pedi um emprego ao Odylo no *Jornal do Brasil* e ele me deu o emprego. Eu acumulei o *Jornal do Brasil* e a *Última Hora*. Bem, o Wilson Figueiredo já estava lá, então, a coisa realmente facilitou. Deve ter facilitado. E eu começo no *Jornal do Brasil*. Eu não fui dos primeiros a ir para o *Jornal do Brasil* com o Odylo. Quer dizer, não fui dos primeiros... O Odylo não chegou lá em um dia e eu cheguei com ele naquele dia ou no dia seguinte. Foi algum tempo depois. E o Odylo estava fazendo uma estimativa, eu acredito, com a condessa – com a condessa principalmente –, da mudança do *Jornal do Brasil*. E a mudança começa realmente discreta.

O *Jornal do Brasil*, não sei se vocês se lembram, mas a primeira página do jornal era com anúncios; às vezes, uma fotografia... Não, não havia fotografia na primeira página. Eram anúncios e manchetes, várias manchetes, duas... manchetes nacionais, de caráter nacional, normalmente de política, e um título comprido.

Entrevistador 1 – Uma chamada de página.

D.B. – Títulos. Eram manchetinhas, várias manchetinhas, lá em cima. Vamos dizer: “O presidente da República vai sancionar amanhã a lei...”, uma lei qualquer; a segunda, “o prefeito vai modificar o sistema de estacionamento”; a outra, “vai faltar carne o ano que vem”; a outra... Manchetinhas. E a manchete internacional. E lá dentro, o noticiário. A segunda página, com o noticiário... Não. A segunda página tinha notícia? Tinha. E a terceira página, que era a opinião, o editorial. Ou a quarta página que era... Não, a página do editorial, com [inaudível], aqueles grandes editoriais, uma página de texto. A página três era de texto. Abrindo... Eu não sei a disposição, não. Mas era um jornal de texto. Findo o texto, o que a redação fazia...

Entrevistador 2 – O texto se mesclava com o noticiário... com os classificados.

D.B. – É, havia uma coisa assim. Eu não estou recordando bem, não. Mas o jornal era, essencialmente, classificados. Mas era um jornal variado: tinha esportes, tinha cultura, tinha política...

Entrevistador 3 – Derly, dando um meio passo atrás, como era o texto na *Última Hora*? Como era escrito?

D.B. – Não, o texto...

Entrevistador 2 – Isso para tentar estabelecer, quando você foi para o *Jornal do Brasil*, que tipo de adaptação você teve que fazer para escrever uma matéria para o *Jornal do Brasil*.

D.B. – Eu já tinha... Veja bem, eu já tinha aquela experiência, embora pequena, a experiência do *Diário Carioca*, que era o *lead*, o *sublead*. Aí eles faziam realmente... O Paulistano<sup>5</sup>... Aquela inovação é criação do Paulistano. A minha experiência no *Diário Carioca* me levou a ter o cuidado de procurar dizer sempre... observar sempre essa técnica de *lead* e *sublead*. A *Última Hora* adotava isso, e o Samuel concordava. E o Samuel concordava. E no *Jornal do Brasil*, você conservava o *lead* e o *sublead*, apenas você acrescentava o lado humano, o aspecto humano da notícia.

Entrevistador 3 – Eles que pediam?

D.B. – Eles pediam. Essa foi a única coisa que eu senti de diferente entre o *Diário Carioca* e o *Jornal do Brasil*, de texto. Bem, eu vou para o *Jornal do Brasil*, continuo na *Última Hora*...

Entrevistador 2 – Quanto foi o seu passe?

D.B. – Aí não havia passe, era um emprego pedido. Eu não sei. Eu acho que o meu primeiro salário lá foi oito mil... o quê? Em cruzeiros?

Entrevistador 1 – Deve ter sido oito cruzeiros.

---

<sup>5</sup> O entrevistado refere-se ao jornalista Luis Paulistano.

D.B. – Oito cruzeiros, não é?

Entrevistador 1 – Aí era um grande salário.

D.B. – É, era um salário altamente... Era um salário inflacionado. A *Última Hora* não pagava a metade disso. Não pagava a metade.

Entrevistador 2 – Derly, que reboiço causou, no meio jornalístico, esse surgimento do *Jornal do Brasil*, assim, como o grande emprego, como o reformulador?

D.B. – Bem... Porque a... Eu continuei na *Última Hora*, que estava em um processo de recuperação. A *Última Hora* tinha sido abalada. Até mil novecentos e cinquenta e... Nesse período, a *Última Hora* estava apenas abalada, entende? Ela estava apenas abalada. Ela se recuperou razoavelmente.

Entrevistador – A partir de quando?

D.B. – A partir de 1956, ela se recuperou. Por razões políticas, inclusive. E me parece que, como empresa, ela se tornou até viável naquele período. Agora, o que interessa não é a empresa; é o jornal. O jornal voltou a repercutir, voltou a ter repercussão e o jornal começou a melhorar a vendagem. Porque, realmente, o jornal se qualificou mais. Era mais vibrante. O Samuel sabia fazer manchetes realmente de impacto, de apelo, e levava o sujeito a comprar o jornal. E a *Última Hora* estava se recuperando. Mas eu creio que, naquele período – e aí eu acho significativo –, de todos os jornais, o único que, naquele período, que era um período de crise na imprensa, me parece... Havia uma crise qualquer na imprensa. Não sei explicar, mas havia uma crise qualquer na imprensa. E a *Última Hora* se recuperando; a *Tribuna da Imprensa* perdendo terreno... A *Tribuna* começa a perder terreno. Continua sendo um jornal malcriado, falador, mas ela perde terreno. A *Última Hora* recupera uma parte do que havia perdido. O *Correio da Manhã*, acho que estaciona; o *Diário de Notícias* começa a ter dificuldades, o *O Jornal* não mais fez presença. Então, você observe que, naquele período, os jornais... a imprensa, de um modo geral, ela estava num plano inclinado. Ela estava em

declive. Ela estava caindo realmente. A imprensa de um modo geral. A *Última Hora* é que fazia uma pequena reação. Era um jornal que havia perdido e conseguia se recuperar.

Um amigo meu, o Ivan Alves, ele diz que a imprensa, no Brasil, perdeu muita credibilidade depois da carta testamento de Getúlio, em 1954. Porque o Getúlio, na carta testamento, ele fala que grupos poderosos obstacularam a Eletrobrás, grupos tinham lucros de 5 mil por cento... O Getúlio, na carta testamento, fez a maior reportagem, a maior reportagem política que se fazia necessária nesse país e que nenhum jornal fez, o Presidente da República, fez. Porque jornalista realmente é [inaudível]. Então, se você tinha forças poderosas enfrentando o governo, forças poderosas ganhando 5 mil por cento, isso é um tema que o jornal tinha que levantar. Então, a partir da carta testamento, do Ivan Alves, houve uma crise de confiabilidade. A credibilidade dos jornais caiu muito. Eu acho que isso aconteceu realmente. Com a morte do Getúlio, o prestígio do jornalismo foi muito abalado. Porque Getúlio, e depois se viu, ele... Depois da morte do Getúlio, se viu que muita coisa estava errada, passou a domínio público e o jornal nunca havia falado. Eu acho que isso explica um pouco aquela queda generalizada no jornalismo aqui no Rio. Eu acho que isso aconteceu. Então, os jornais começam a perder fôlego – os jornais, eu vou chamar de jornais tradicionais, os jornais que estavam se dirigindo ao público.

Veja bem, eu havia dito antes que o *Jornal do Brasil* não era um jornal de repercussão popular; era de repercussão num público específico. Então, o *Jornal do Brasil* era como reserva. Era uma reserva. O *Jornal do Brasil* teve consciência, quando todo mundo estava afundando, que ele era reserva e que podia se salvar. Eu não sei se estou sendo claro. Depois de 1954, com a carta testamento, com as denúncias que foram feitas, com as milhões de coisas que aconteceram no plano político – o golpe preventivo do Lott, tudo isso que o jornal... que era provocado por alguma coisa que os jornais nunca tinham feito menção, o público certamente... parece, deixou de lado um pouco o jornal, passou a não confiar no jornal.

Então, os jornais tradicionais – vamos voltar agora –, os jornais tradicionais começam a afundar. E a única reserva.... Afundar, quais jornais? Todos eles: o *Diário de Notícias*, que perde; o *Diário Carioca*, que perde; o *O Jornal*, que perde, embora não tenha existido; a

*Tribuna*, que era contra o governo, mas não denunciava, assim, não contra o governo só, não denunciava outros grupos contra o governo. Então, esses jornais, os jornais tradicionais...

Entrevistador 3 – Mas a *Última Hora* estava entre esses jornais.

D.B. – Estava. Porque a *Última Hora* passou a ser a vítima, também. Ela, com o Getúlio... Porque o Getúlio cresceu. A figura, a imagem do Getúlio cresceu, depois da morte dele. Durante um período, a figura de Getúlio cresceu. E a *Última Hora* se confundia com a imagem do Getúlio. Então, ela lucrou com aquela ascensão... Com essa melhoria de imagem do Getúlio, ela cresceu. Ela se beneficiou – do ponto de vista de público, de consumo, de mercadoria consumida pelo público. Ela se beneficiava do marketing do Getúlio.

Então, o *Jornal do Brasil*... Veja bem, eu acho que só a *Última Hora* se recuperou um pouco, estava se recuperando. E o *Jornal do Brasil* era a grande reserva. Quando está todo mundo afundando, então, o *Jornal do Brasil* surge, renovando e se dirigindo ao público – ao grande público, e não a um público específico. Ele se revoluciona, ele modifica, e ocupa, realmente, o lugar que estava [**inaudível**], pelo declínio de prestígio, de confiança, de credibilidade dos outros jornais.

Entrevistador 1 – Derly, um ponto ainda. Você aí, na *Última Hora*, você já passou a ter uma vivência jornalística. Então, situe para nós coisas como: o fantasma da censura naquela época, relações do repórter com a fonte de notícia... Coisas, assim, que deem um perfil da profissão naquele período.

D.B. – Não, não havia... Censura? Não havia esse problema. A censura, quando havia, era episódica. Eu acho que não houve censura naquele período. Episodicamente.

Entrevistador 1 – Não estava na cabeça do jornalista?

D.B. – Não, nunca teve essa preocupação. A censura que havia era a censura que o patrão impunha.



Entrevistador 1 – A autocensura?

D.B. – Não. A censura era do patrão. Às vezes você, por medo...

Entrevistador 1 – Limitações impostas pelo...

D.B. – Pelos interesses do...

Entrevistador 1 – Havia muita liberdade.

D.B. – Tinha. Tinha liberdade. Agora, o jornal também tinha a liberdade de não publicar aquilo que não conviesse a...

Entrevistador 2 – Mas o jornal respeitava muito a opinião do repórter. Ou não?

D.B. – Opinião, não.

Entrevistador 2 – Eu digo, a informação que você trazia era a verdadeira.

D.B. – Mas nem sempre era... Dependendo da informação, você publicava ou não. Isso ficava a critério do jornal. A censura da empresa era assim.

Entrevistador 3 – E teve algum caso assim de matéria sua?

D.B. – Não, não me lembro. Mas isso é difícil também, você dizer que... Uma notícia sua sobra. Você podia fazer uma notícia e ela entrar na sobra. A alegação era essa, “não foi publicado porque sobrou”. Mas nunca vi essa preocupação da censura, como hoje tem, de você escrever com certos cuidados. Não havia isso. Os cuidados não eram... Veja bem, você hoje escreve com o cuidado de publicar a matéria e você se complicar com o governo ou com o órgão de segurança. Antes, você fazia a matéria e, às vezes, media, com medo de complicar ou de atentar ou de ferir o interesse que seja do diretor. Isso acontecia. Na *Última Hora*, eu

me lembro que você não podia citar certos nomes, certas pessoas. Havia um veto. O jornal não queria que se publicasse.

Entrevistador 2 – Um index?

D.B. – É, um index. É uma forma de censura, é evidente. Essa eu me lembro. Havia. Você não podia citar fulano. Você tinha os nomes lá. Nós sabíamos, na redação. Não que o Samuel viesse nos dizer. Ele não dizia para nós. Mas você sabia. No trabalho diário, você sabia que tinha uma relação lá de nomes que não eram do agrado da casa, então, você não publicava. Era uma forma de censura.

Entrevistador 2 – Uma última coisa: como que a imprensa, na época, reagia aos primeiros passos da reforma do *Jornal do Brasil*? Primeiros passos ainda indecisos: o jornal ainda não havia adquirido uma nova fisionomia, não havia se libertado totalmente daquela primeira página de classificados, e esporadicamente saía uma foto. Como é que a imprensa foi vendo esse processo de...?

D.B. – A imprensa que você diz, os jornalistas?

Entrevistador 2 – Os jornalistas.

D.B. – Claro. Aí o negócio era... Com o maior entusiasmo, com o maior interesse. Era um entusiasmo e, ao mesmo tempo, um negócio até... até um pouco de medo. Havia entusiasmo e, ao mesmo tempo, medo. Porque o que nós sentíamos – eu falo não **estando** no *Jornal do Brasil*, mas do lado de fora – é que o *Jornal do Brasil* realmente era uma potência econômica. Como empresa, o *Jornal do Brasil* era uma potência. Era realmente. Era o único jornal que tinha uma fonte de receita realmente...

Entrevistador 2 – Expressiva?

D.B. – ...expressiva, ou poderosíssima, que era o pequeno anúncio. Todo mundo sabia que o *Jornal do Brasil*, com a rádio, ele tinha uma possibilidade econômica...

Entrevistador 2 – Era sólido.

D.B. – Sólido. Era uma empresa sólida. Então, o entusiasmo: se o *Jornal do Brasil* partiu para ser um mercado de trabalho bom, é claro que ele vai absorver gente. Mas se o *Jornal do Brasil*, e aí era o medo, se o *Jornal do Brasil* cresce demais e os outros desaparecem... Não é?

Entrevistador 2 – E não havia também a preocupação de que a reforma não desse certo e de que isso pudesse inclusive abalar com a própria...?

D.B. – Não, não. Não havia, não.

Entrevistador 2 – Quer dizer que ela era aguardada com otimismo.

D.B. – Várias experiências...

Entrevistador 2 – O pessoal apostava na reforma? Eu digo os repórteres, os redatores, de modo geral...

D.B. – Dos outros jornais que você está falando?

Entrevistador 2 – Se os outros jornais apostavam na reforma.

D.B. – Em algumas redações, eu senti isso. Alguns companheiros. No *Diário Carioca*, por exemplo, o pessoal achava muito bom; no *Jornal do Commercio*...

Entrevistador 3 – Mas comentavam, assim, o jornal, as modificações?

D.B. – É, se falava as...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

D.B. – Não, eu acho que você está partindo de uma premissa não certa. Não é certa essa premissa de que corria risco. Como eu acho que a direção do *Jornal do Brasil*, os conselheiros da condessa e a própria condessa, que é uma mulher inteligente, se eles terão percebido que os jornais estavam...

Entrevistador 1 – Naufragando.

D.B. – ...naufragando, afundando realmente... E examinando empresarialmente a coisa e examinando empresarialmente os concorrentes... examinando os concorrentes, o *Correio da Manhã* não tinha... O *Correio da Manhã* podia enfrentar o *Jornal do Brasil*, podia ser competidor do *Jornal do Brasil*. Talvez o único competidor que o *Jornal do Brasil* poderia ter, do ponto de vista de fonte de dinheiro, era o *Correio da Manhã*. O *Correio da Manhã* também tinha uma parte muito grande de classificados. Não tinha a tradição do *Jornal do Brasil* nem o volume de classificados do *Jornal do Brasil*, mas tinha já... Ele tinha descoberto a mina. O *Correio da Manhã* tinha um pedaço da mina à disposição dele.

Bem, e do ponto de vista empresarial então, você considerando o *Diário de Notícias*, era um jornal inexpressivo economicamente. Era um jornal que vivia de idealismo. Não era uma empresa; era um jornal... era um jornal fraco.

Entrevistador 2 – Uma família, vamos dizer assim.

D.B. – Da família. Era uma família. Família Dantas, não é? Então, era um jornal fraco economicamente. Ele não tinha condições... Nem o Dantas... Nem os Dantas tinham condições de fazer investimento. Eles não tinham dinheiro, o dinheiro necessário para fazer um investimento tão longo e tão oneroso quanto é um jornal. Vamos ver outro, o *Jornal do Commercio*: ele não tinha também grande peso, não tinha grande lastro para sustentá-lo. O *Diário Carioca*: é um jornal que, pode-se dizer, vivia de pequena publicidade, de venda avulsa. Era um jornal fraco, empresarialmente fraco. A *Tribuna da Imprensa*: a *Tribuna da Imprensa* não existia, a não ser em função de Carlos Lacerda. Então, você examinando isso... Isso e os jornais sofrendo o processo desgastante desde a morte de Getúlio. Então, não tinha risco nesse investimento. Não havia.

Entrevistador 1 – A busca de maior poder político...?

D.B. – O público do *Jornal do Brasil*... Ele não perderia público, fazendo a revolução. Por quê? Até aquele momento, o público dele era específico, era o sujeito que precisava do serviço prestado pelo pequeno anúncio, o vende-se, aluga-se, precisa-se, troca-se. Esse público continuava. Ele não corria o risco, por exemplo, que correria o *Correio da Manhã* se mudasse de opinião política. O *Jornal do Brasil* podia até mudar de opinião política, porque o público a que ele se destinava e que ele cultivou ao longo da sua vida, até então, era um público específico, e pequeno, restrito. O *Jornal do Brasil*...

Entrevistador 1 – Não se interessava pela opinião. Não comprava a opinião.

D.B. – A opinião?

Entrevistador 1 – Ele não comprava a opinião do jornal. Quer dizer, ele comprava o jornal, mas não pela opinião.

D.B. – Exatamente.

[FINAL DO ARQUIVO 1002\_DERLY\_BARRETO\_18.03.1977\_02a]

Entrevistador 1 – Ele não comprava a opinião do jornal. Quer dizer, ele comprava o jornal, mas não pela opinião.

D.B. – Exatamente.

Entrevistador 1 – Era pela informação dos classificados.

D.B. – O grande público do *Jornal do Brasil* não estava ali pelo jornal, mas pelo serviço que a publicação prestava. Então, não era risco. O *Jornal do Brasil* não perderia público, se mudasse. Agora, ele poderia perder, sim, se mudasse de opinião, no público específico. Mas

esse público era pequeno. Esse público que se guiava pela opinião do jornal era um público pequeno. Do ponto de vista comercial, não era expressivo, embora fosse expressivo do ponto de vista político, de poder político. Então, não havia esse risco de a revolução fracassar. Ela podia fracassar, e daria algum prejuízo. Que prejuízo, não sei bem. Aí eu não sei. E outra coisa, a revolução não daria errado, no *Jornal do Brasil*, também... A margem de segurança era, na minha opinião, de 100%. A margem de segurança era absolutamente total. Era absoluta. Porque o *Jornal do Brasil*, o que ele se propunha fazer era dar organicidade, sistematizar aquilo que era a experiência isolada do *Diário Carioca*, com o *lead*, com a técnica do aproveitamento maior do espaço.

Entrevistador 1 – E havia uma estrutura empresarial.

D.B. – E o *Jornal do Brasil* tinha estrutura empresarial, o que os outros não tinham. O *Jornal do Brasil*, como empresa, a empresa *Jornal do Brasil*, ela tem... Não é só o jornal. Ela tinha a rádio, tinha a oficina de obras, então, era realmente uma empresa, era uma indústria jornalística. Ela tinha tudo para ser isso. Um jornal modificado seria apenas um outro ramo lucrativo, mais lucrativo. Ele não perderia. Não havia essa... Essa expectativa de que fracassasse ou que pudesse haver um fracasso não houve. No caso do *Jornal do Brasil*, não houve.

Entrevistador 1 – Mas Derly, você chegou à redação do *Jornal do Brasil* ganhando oito cruzeiros, provavelmente...

D.B. – É, por aí. Era um salário muito bom.

Entrevistador 1 – ...para trabalhar na reportagem geral.

D.B. – Era na reportagem geral.

Entrevistador 1 – Cinco horas de trabalho?

D.B. – Cinco horas. Mas nós sempre trabalhávamos mais. Aliás, eram sete horas. Eram sete horas: começava...

Entrevistador 2 – Quem era o chefe de reportagem?

D.B. – Quando eu comecei no *Jornal do Brasil*, eu acho que era o Hermano Alves, Hermano de Deus Nobre Alves. O Hermano era o chefe de reportagem. Ele tinha vindo da *Tribuna da Imprensa*. Tinha grandes repórteres lá: Calazans Fernandes, que depois foi chefe de reportagem também; o Wilson Figueiredo foi chefe de reportagem durante algum tempo, chefe de reportagem geral; e depois – na minha opinião, o maior jornalista brasileiro –, o Jaime Negreiros, que ficou lá um bocado de tempo. É o maior repórter que eu já conheci. É um grande caráter, um grande companheiro. É um sujeito fabuloso. No *Jornal do Brasil*, então, nesse período... Bem, o Odylo começou a fazer a reforma do *Jornal do Brasil*...

Entrevistador 1 – Quer dizer, sem dúvida nenhuma, o Odylo que começou a fazer a reforma do *Jornal do Brasil*.

D.B. – Foi o Odylo. Foi com o Odylo. Mas isso, sem dúvida. As edições estão aí para mostrar. Mas a revolução começa... Bem, vamos falar da revolução. Então, eu acho, é a minha opinião, é a minha crença completa, que a revolução do *Jornal do Brasil* se fez no momento oportuno, exatamente no momento certo, porque os outros jornais, os tradicionais, os tradicionais dirigidos ao público, ao grande público, estavam em baixa e o público estava à espera de um outro, de um substitutivo, um que fosse realmente capaz de cumprir o papel que se esperava dele. Porque os outros, os tradicionais, haviam fracassado, por causa do Getúlio, com as denúncias, porque esses jornais tradicionais não haviam feito as denúncias que o Getúlio havia feito. O *Jornal do Brasil*, sem o desgaste junto ao público, da sua missão, ele se apresenta. Ele se apresenta e dá certo. E dá certo. E vai marchando numa linha, vamos chamar assim, liberal. A linha política do *Jornal do Brasil* era liberal, a linha do noticiário do *Jornal do Brasil*. A de opinião, eu não sei porque eu não acompanhava a opinião do jornal, não lia os editoriais. Devia ser conservador, mas as matérias eram de caráter liberal e bem leves. Matérias leves...

Entrevistador 1 – Você fala, em termos de texto, de uma “humanização do texto”. Como é que foi esse negócio?

D.B. – Sim. Aí, houve realmente a humanização. O *Jornal do Brasil*, ao sistematizar aquelas experiências que todo mundo havia feito, principalmente o *Diário Carioca*, com o Luís Paulistano, o problema do *lead*, o *Jornal do Brasil*, porque tinha mais espaço que o *Diário Carioca*, ele permitia ao repórter elaborar o texto com um caráter mais coloquial. Vamos chamar assim, de caráter coloquial. Você, por exemplo, para descrever uma reunião...

Entrevistador 1 – É mais literário?

D.B. – É, é mais literário, com uma concessão literária. Subliteratice. Mas era a coisa que pegava, que dava certo. É uma experiência que deu certo. Por exemplo, uma reunião no verão, em um ambiente fechado, as pessoas de gravatas desatadas, abertas, frouxas, de paletó na mão, o ministro gripado. Então, no texto, ou no corpo da matéria, você tinha condições de descrever aquele ambiente. Você dizia que o ministro...

Entrevistador 2 – E isso começou com o *Diário Carioca* ou com...?

D.B. – [Começou] com o *Jornal do Brasil*. Isso, com o *Jornal do Brasil*. Então, você podia dizer, e era comum: “Com 15 minutos de atraso, o ministro da Fazenda chegou à reunião na sala calorenta, todo mundo de paletó...”. Você podia fazer isso. “O ministro trajava gravata branca com bolinhas vermelhas, camisa cinza, com um cinto largo, sapato branco...” Você podia fazer tudo isso. E o *Jornal do Brasil*... E dava o acontecimento principal dessa reunião. O principal acontecimento nessa reunião, na reunião... nesse ambiente. Você podia fazer isso. E isso nos facilitava bastante. Nos facilitava bastante porque você tinha mais espaço. O *Diário Carioca* lutava com a limitação de espaço. Porque eu acho que o *Jornal do Brasil*, naquele período, você encontra um equivalente mais modesto no *Diário Carioca*. Mas aí você realmente tem condições de trabalhar.

Entrevistador 1 – E como é que a reportagem de um modo geral via essa inovação do texto...



D.B. – Gostava.

Entrevistador 1 – ...um texto mais solto?

D.B. – Mais solto, mais...

Entrevistador 1 – Nos outros jornais. Comentava-se muito?

D.B. – Falava-se, mas não tanto assim.

Entrevistador 1 – Assim, com uma ponta de inveja?

D.B. – É, com uma ponta de inveja. Porque os outros jornais, todos eles tinham problema de espaço, a limitação de espaço, que o *Jornal do Brasil* não tinha.

Entrevistador 1 – E fotos?

D.B. – As fotos... Aí, no *Jornal do Brasil*, a coisa foi fantástica. Porque no *Jornal do Brasil*, uma grande empresa, poderosa, podendo investir, contratou, admitiu os melhores fotógrafos que existiam no mercado. Por causa dos melhores salários que o *Jornal do Brasil* pagava, foi possível reunir lá um grande número de excelentes profissionais. Excelentes profissionais, realmente, gente da melhor categoria.

Entrevistador 2 – Nessa reforma, qual foi a participação do Jânio de Freitas? Porque o Odylo, parece que ele saiu do *JB* em 1958, depois daquele incidente da foto do nosso Antônio Andrade.

D.B. – Do Juscelino com...

Entrevistador 2 – Ele saiu em que ano? Foi em 1958, se não me engano.

D.B. – Foi em 1958.

Entrevistador 2 – O jornal realmente já tinha mudado completamente de fisionomia? Ou ainda estava buscando uma nova identidade, quando o Odylo saiu?

D.B. – Eu não estava nem...

Entrevistador 3 – **Você** sai do jornal com a reforma consolidada?

D.B. – Não. Pouco antes... O Odylo saiu e eu também saí do *Jornal do Brasil*. Eu saí do *Jornal do Brasil* com... Eu saí, não com o Odylo; saí ao mesmo... um pouco antes do Odylo ou um pouco depois do Odylo.

Entrevistador 2 – Mas o problema da foto...

D.B. – A foto. A foto é muito importante.

Entrevistador 2 – [**Inaudível**]. Nessa reforma é que ele usou uma foto em primeira página.

D.B. – Era só texto...

Entrevistador 2 – Os outros jornais usavam fotos na primeira página?

D.B. – Sim, eu acho que usavam. A *Última Hora* usava e os outros jornais, também.

Entrevistador 1 – Menos o *Jornal do Brasil*?

D.B. – É. O *Jornal do Brasil* era só texto. Eram as manchetinhas, como eu falei, e o texto. Os classificados tomavam...

Entrevistador 2 – Você ficou quanto tempo no *Jornal do Brasil*?

D.B. – Eu fiquei o tempo com o Odylo, no *Jornal do Brasil*.

Entrevistador 2 – Ficou um ano e pouco, talvez?

D.B. – Um ano e pouco.

Entrevistador 1 – Ficou na geral?

D.B. – Fiquei na reportagem geral. Agora, acontecia uma coisa: no *Jornal do Brasil*... Porque o *Jornal do Brasil* já tinha... Não tinha... Ele tinha editorias, mas não eram as editorias que existem hoje. Havia um pouco mais de flexibilidade. Você era um repórter de geral e fazia, realmente, reportagem geral: de cidade, de chegada de governador... Não havia... Você era realmente de geral. Você podia fazer entrevista com o gari, de acidente, você podia fazer a notícia do acidente, até a chegada de governador, de ministro e, se fosse o caso, de presidente da República. Porque o pessoal que estava no *Jornal do Brasil* tinha condições de dar conta do recado, entende? Embora o *Jornal do Brasil* tivesse cobertura política, a reportagem política estruturada. O Villas-Boas Corrêa...

Entrevistador 3 – D’*O Estado de S. Paulo*.

D.B. – ...d’*O Estado de S. Paulo*, o Adirson de Barros e o Araújo Neto é que faziam a cobertura política. Mas os repórteres da geral também eram capazes de fazer isso. E eles sabiam. O Hermano sentia que o pessoal era capaz de fazer a cobertura mais qualificada.

Agora, a fotografia, o *Jornal do Brasil*, sobre os outros jornais, ele tinha uma vantagem muito grande, que foi uma coisa que aconteceu... Ele repetiu, em escala maior, aquilo que havia na *Última Hora*, com o Samuel, que era o uso da fotografia com preocupação artística. Então, a grande foto. O jornal não poupava...

Entrevistador 2 – Espaço?

D.B. – Não, não poupava material para fotografar. O sujeito levava quantos filmes fossem necessários para fazer...

Entrevistador 1 – Dava crédito para fotógrafo?

D.B. – Dava crédito ao fotógrafo. Então, o sujeito trabalhava com preocupação artística e selecionava a melhor fotografia, realmente, para publicar. Então, as fotografias mais artísticas que você pode ver em imprensa no Brasil, eu acho, são aquelas que estão no *Jornal do Brasil* nesse período. Porque, realmente, não havia nenhuma preocupação de economia com a fotografia.

Entrevistador 2 – E também, não era só o aspecto plástico da foto. Muitas fotos, inclusive, continham uma grande força de informação, não é?

D.B. – Exatamente.

Entrevistador 2 – Dispensavam até o texto.

D.B. – Às vezes dispensava. Como essa do Andrade, que era do Juscelino com...

Entrevistador 2 – Com o Foster Dulles.

D.B. – ...com o Foster Dulles, em que o Juscelino está de mão aberta para Foster Dulles e o Odylo, maldosamente, fez uma legenda: “Me dá um dinheiro aí”. [riso] Foi quase que isso. Essa deu o prejuízo do canal de televisão que o jornal...

Entrevistador 2 – Ele fez a legenda ou...? Quem fez a legenda?

D.B. – O Odylo.

Entrevistador 2 – Foi o Odylo que fez essa legenda?

D.B. – Foi o Odylo.

Entrevistador 3 – Ele nega que a legenda tenha sido precisamente essa do “me dá um dinheiro aí”, mas ele não nega...

D.B. – É, o sentido é esse. Porque havia, na época, como música de carnaval de grande sucesso, uma música com esse tema, e era um mendigo... A música é isso, é um mendigo, ou um bêbado, sei lá, pedindo dinheiro.

Entrevistador 2 – Derly, em que o *Jornal do Brasil*, nessa reforma, muda o comportamento do repórter?

D.B. – O repórter passa a ter mais... Ele passa a ser tratado com mais respeito. O trabalho dele passa a ser mais respeitado. E não é só, ele passa a ter uma credibilidade maior. A informação dele não é posta em dúvida. Porque, realmente, o repórter vai, colhe a informação e ele traz a informação e a transmite de uma maneira absolutamente convincente. E havia, realmente, uma dose muito grande de consciência profissional. Você sentia. Isso era quase que materializado.

Entrevistador 2 – Há uma aparente contradição nisso. Ao mesmo tempo, me parece que o *Jornal do Brasil*, se não cria, pelo menos fortalece a instituição do copidesque.

D.B. – Sim, mas isso era um problema de texto. Porque a preocupação não era... Não era essa a... O problema era a homogenização, uma espécie de padronização de texto. Isso era uma das ambições de Quintino de Carvalho, que era do copidesque e acho que era a principal pessoa no copidesque, era o chefe do copidesque. Ele queria fazer, do texto jornal, um texto de revista, com uma unidade de estilo. Então, é quando começam também a aparecer fórmulas para grafar...

Entrevistador 2 – Padronizar.

D.B. – ...para grafar palavras. Porque entre um repórter e outro, é claro que há uma mudança de estilo. E o texto do repórter... E outra coisa...

Entrevistador 3 – Fórmulas para grafar palavras como?

D.B. – Você, por exemplo... Vamos ver...

Entrevistador 3 – Kuwait.

D.B. – Kuwait, por exemplo, o país: um repórter pode escrever Kuwait com C-U-I e T-E; o outro pode escrever com Q-W-A-I-T; o outro pode escrever com K-U-I-T. Então, o jornal escolhia uma forma de grafar as palavras. O jornal vai adotar o quê? K-W-A-I-T ou C-U-I-T? Então, havia essa preocupação. Abreviaturas, por exemplo: tinha gente que abreviava general com G-A-L e outros, com G-E-N. Então, o jornal tinha o cuidado de padronizar tudo: nomes... Era intenção, era propósito inclusive, acabar com letras não portuguesas: Y... não em português: Y... Mas isso se tornou inviável.

Entrevistador 2 – Só um minuto. Eu volto à pergunta do repórter...

D.B. – Sim, a credibilidade que o repórter passa a ter dentro da redação. A informação dele não é contestada, não é posta em dúvida. Então, se acredita no repórter. Agora, a publicação ou não da notícia fica condicionada a um critério de... às vezes, do chefe de reportagem, ou às vezes, dependendo do problema, do chefe de redação ou, do contrário, até do redator, do diretor de redação.

Entrevistador 3 – Derly, existem temas que o *Jornal do Brasil* trouxe para a discussão que os jornais nunca tinham dado importância e ele passou a dar aquele tipo de informação, a discutir aquele problema?

D.B. – Eu não me lembro de um tema assim, mas havia. Por exemplo, a Central do Brasil, que deu até um Prêmio Esso ao Jaime Negreiros e ao Cesário Marques. O Jaime Negreiros e o Cesário Marques fizeram uma reportagem fantástica, com o título: “Central do Brasil: dois pontos”. Então, se fazia a radiografia da Central do Brasil: por que a Central do Brasil era recordista de acidente; por que ela prestava um mau serviço... Foi um trabalho... uma radiografia completa da Central do Brasil.

Entrevistador 2 – Isso era uma ousadia para o *Jornal do Brasil*.

D.B. – Era uma ousadia. Isso aí o jornal teve várias. E tinha uma coisa muito importante, e nós nos sentíamos bastante estimulados e até valorizados. Porque tinha uma seção na terceira página, na terceira ou quarta página, acho que na terceira página, chamada “Rondó”. Eram pequenas crônicas, pequenos contos. Você podia trabalhar até contos ali, crônicas. Chamava “Rondó”. E isso era aberto aos repórteres. Qualquer repórter podia escrever um conto, uma pequena crônica e publicar ali, o fato cotidiano mais relevante, mais engraçado. O repórter, realmente, tinha condições de fazer coisas lá. Não havia áreas muito definidas. O repórter tinha condições de andar da primeira à última página.

Entrevistador 3 – Derly, valorizando o trabalho do repórter, o *Jornal do Brasil* acabou um pouco com aquele vício que nós falamos no início do seu depoimento, de o jornal servir como ponte para emprego público?

D.B. – Sim. Eu acredito que o *Jornal do Brasil* tenha... O *Jornal do Brasil*, pela valorização profissional, pelo melhor salário, naquele período, realmente, ele vedou a incidência desse tipo de coisa. E outra coisa: no *Jornal do Brasil*, pouquíssimos repórteres – é claro que existem os casos –, pouquíssimos repórteres procuraram utilizar o trabalho para conseguir emprego público. Pouquíssimos. Então você deve ter... Se for possível estabelecer um percentual aí, você pode chegar à conclusão de que, naquele tempo, 5% seria sensível, acessível a uma conversa de trabalhar... Ao suborno para esse tipo de trabalho. Cinco por cento aceitando e 95% não aceitava. Porque era realmente um pessoal da maior categoria profissional. Isso no nível de reportagem que eu estou falando.

Entrevistador 3 – Derly, o *Jornal do Brasil* teria também colocado um ponto final no posicionamento das empresas jornalísticas **frente** ao governo, se é contra ou a favor, ou esse tipo de coisa assim, e passou a ter um comportamento, vamos dizer assim, mais independente?

D.B. – No noticiário, com certeza, o jornal passou a ter um comportamento bem mais... No noticiário; não na opinião, não no editorial.

Entrevistador 3 – Não na opinião. Exato. Não no editorial.

D.B. – No editorial, eu não sei. Isso eu não posso lhe falar. Mas no noticiário, sim, o jornal tinha uma independência bastante grande.

Entrevistador 2 – Agora, isso, em termos dos outros jornais, como é que você situa? Os outros jornais não tinham esse tipo de independência?

D.B. – Não. Eles eram marcados. A *Tribuna da Imprensa* não podia ter essa independência. Era oposição.

Entrevistador 2 – Era contra.

D.B. – Era contra. O *Correio da Manhã* era flexível demais, ele se aproximava mais do governo, e a censura do *Correio da Manhã*, normalmente, era no editorial.

Entrevistador 2 – E *O Globo*, por exemplo?

D.B. – *O Globo* também era muito flexível, não se definia, mas ele era mais governo. Ele não agredia demais o governo. O *Jornal do Brasil* se dava às vezes a esse luxo de criticar. Agora, era no noticiário, na notícia. Por exemplo, eu me lembro, Mário Pinnotti era ministro da Saúde e na redação... Eu não vou citar nomes. Não há necessidade. Mas, na redação, você tinha a informação de que o Pinotti não era um bom ministro, que não seria um bom ministro, era um homem que ficava muito a desejar. O jornal noticiava sobre o Ministério da Saúde, sob a gestão do Pinotti, de maneira desfavorável. Apontava as coisas erradas.

Entrevistador 3 – Você chegou a ser setorista em algum lugar?



D.B. – Não. Agora, o *Jornal do Brasil*, eu estou falando até mil novecentos e cinquenta e... Até o período em que eu estive lá. Porque eu voltei para o *Jornal do Brasil* depois. Em 1962, acho que é em 1962, eu voltei para o *Jornal do Brasil*. Bem, eu tive também uma boa posição. Como repórter de geral, trabalhando com todo mundo lá...

Entrevistador 1 – Você, quando saiu, você foi para que jornal?

D.B. – Eu fiquei na *Última Hora*...

Entrevistador 1 – Você continuou na *Última Hora*?

D.B. – Eu saí da *Última Hora* também e fiquei no *Jornal do Brasil*, depois voltei para a *Última Hora* e depois, *Diário de Notícias*... Eu já andei praticamente por todos os jornais.

Entrevistador 2 – E você regressou ao *Jornal do Brasil*, então, em 1962?

D.B. – Em 1961 ou 1962, me parece. Em 1962.

Entrevistador 3 – O Jânio já estava lá?

D.B. – O Jânio... Que Jânio?

Entrevistador 3 – O Jânio Quadros. Ele estava na presidência?

D.B. – Estava.

Entrevistador 1 – Não, não. O Jânio Quadros já tinha...

D.B. – Era o Jango, não é?

Entrevistador 1 – Era Jango já.

D.B. – Era Jango. Eu já estava no *Jornal do Brasil*.

Entrevistador 2 – No jornal, a reforma já estava consolidada.

D.B. – Já estava.

Entrevistador 2 – O jornal já tinha outra fisionomia...

D.B. – Já tinha outra fisionomia.

Entrevistador 2 – Era outro jornal.

Entrevistador 3 – Derly, você saiu do *Jornal do Brasil*, mas continuou acompanhando a marcha dele, não é?

D.B. – Acompanhei, é claro.

Entrevistador 3 – E aí você... O Odylo saiu em...

Entrevistador 2 – Em 1958, me parece.

Entrevistador 3 – ...em 1958. A reforma continua? Ele continua mudando?

D.B. – Eu queria falar até [sobre] o início da reforma. Porque o *Jornal do Brasil*, quando o Odylo chegou no *Jornal do Brasil*, a redação era... Eu vou usar uma expressão aqui que não é correta, mas para diferenciar. Eram uns velhos. A média de idade do pessoal que foi para o *Jornal do Brasil*, gradualmente e gradativamente, era inferior a 30 anos. Era bem inferior. Talvez 25 ou 26 anos. Foi feito um levantamento lá e a média do pessoal era essa. Mas o jornal... O Odylo encontrou, na redação, toda a velha equipe do jornal, gente muito talentosa, como o Célio de Barros, que dá nome ao estádio – esse foi conservado pelo Odylo. E os outros velhos jornalistas... Bem, quando o Odylo assumiu, essas pessoas continuaram trabalhando normalmente. Todos esses velhos continuaram trabalhando normalmente, e aos

poucos iam sendo desativados, entende? A orientação do Odylo, quando nós chegávamos lá, a orientação, o pedido dele era de que não destratassemos, que não criássemos dificuldade com aquelas pessoas. Era um cuidado, um zelo de um homem sensato, sério e humano como o Odylo. Ele orientava no sentido de que não houvesse nenhuma hostilidade. Porque eram companheiros de trabalho, apenas não eram capazes de aceitar ou de se adaptar ao novo estilo que o jornal pretendia.

E aos poucos, esses velhos profissionais foram sendo aposentados, substituídos. E à medida que havia a substituição... À medida que um se afastava, substituído, o Odylo ia, gradualmente, modificando o jornal, atingindo ou modificando o setor. Houve uma preocupação humana muito grande ali no jornal, nesse período do Odylo. Há queixas no jornal, dessas pessoas, desses velhos, com relação à direção, que não teria dado a eles um tratamento financeiro de indenização bastante justo. O jornal não respeitou muito o trabalho dessa gente, desses companheiros de trabalho, desses velhos companheiros. Mas à medida que os velhos iam se afastando, iam abrindo os claros, o Odylo foi modificando o jornal e foi fazendo as inovações. No finalzinho, foi aquele negócio, precipitou e se fez a grande reforma.

Entrevistador 3 – A parte gráfica, você poderia falar alguma coisa das modificações que você tenha sentido?

D.B. – Bem, a parte gráfica...não.

Entrevistador 2 – Como você deixou o jornal e como você o encontrou depois, em 1962?

D.B. – Bem, eu saí do jornal, e quando voltei para o *Jornal do Brasil*, a mudança não era muito grande, não. Eram as mesmas pessoas, basicamente as mesmas pessoas. No meu caso é que mudou um pouco, porque aí eu já saí da reportagem geral. Fiquei pouco tempo na reportagem geral e fui fazer reportagem política.

Entrevistador 2 – Quanto tempo você ficou na reportagem política?

D.B. – Até sair novamente do *Jornal do Brasil*, em 1965 ou 1966. Em 1965, eu creio. Eu substituí o Heráclito Sales em “Coisas da Política”, uma coluna que tinha lá, uma seção, “Coisas da Política”, e fiz, na reportagem política, algumas reportagens... Algumas, citadas em livros hoje.

Entrevistador 3 – Tais como...

D.B. – Tais como a entrevista com o Lott que deu no plebiscito, que é citada por Vitor Silva no livro *Dez anos que abalaram o Brasil*; uma outra, sobre o Estado Novo, que foi publicada... foi citada e ainda é citada em livro. Em uma edição francesa de um padre... um livro que está aí, *Destino do Brasil, Destin du Brésil*, essa reportagem sobre o Estado Novo é citada.<sup>6</sup>

Entrevistador 2 – Como foi essa reportagem sobre o Estado Novo?

D.B. – É contando a história do trabalho do general Mourão Filho no Plano Cohen.

Entrevistador 2 – Ah, sim. Isso em que ano?

D.B. – Isso deve ter sido em 1962 ou 1963, por aí.

Entrevistador 2 – Contando a verdade, não é?

D.B. – Contando a verdade. Contando lá. E é a verdade... É a verdade contada pelo Mourão Filho, inclusive.

Entrevistador 3 – Derly, você tem algum prêmio por reportagem no *Jornal do Brasil*?

D.B. – Não, nenhum prêmio. Nunca tive. Eu nunca disputei também. Nunca...

Entrevistador 3 – Não, é só para registrar.

---

<sup>6</sup> O entrevistado refere-se ao livro *Destin du Brésil*, de Michel Schooyans, Ed. Duculot

Entrevistador 2 – Quando você voltou ao *JB* em 1962 para fazer política, quais eram os grandes nomes do setor na época?

D.B. – O maior deles, Heráclito Sales. Heráclito Sales era muito bom.

Entrevistador 2 – Mas esse era o articulista. Eu digo o repórter.

D.B. – Você diz lá no jornal?

Entrevistador 2 – No *Jornal do Brasil* e na imprensa.

D.B. – Não, mas aí o jornal... Aqui no Rio. Mas aí já existia Brasília. Nesse período, já existia Brasília.

Entrevistador 2 – Mas Brasília ainda...

D.B. – Mas estava lá o Carlos Castello Branco.

Entrevistador 2 – Mas isso era em 1962. Brasília foi inaugurada em 1960, não existia **[inaudível]**.

D.B. – Aqui, em 1962?

Entrevistador 2 – Sim.

D.B. – Você diz no *Jornal do Brasil*?

Entrevistador 2 – Não, na imprensa da época.

D.B. – Na imprensa, eles continuam aí. Tem o Villas-Boas; o Heráclito Sales, que era... o Oyama Brandão Telles; o Carlos Alberto Wanderley; o Carlos Alberto Oliveira (Caó); Benê Hamilton... O Hamilton fazia política aqui.

Entrevistador 2 – E como era o jornalismo político, a cobertura política, a reportagem política nessa época? O repórter era marcado por um tipo de audácia que hoje não existe mais? Enfim, como era o repórter político na época?

D.B. – Bem, o trabalho do repórter político é muito diferente, você sabe, é bem diferente do trabalho do repórter de geral. Ele, mais que o repórter de geral...

Entrevistador 2 – Eu digo na época.

D.B. – Na época.

Entrevistador 2 – Eu estou falando...

D.B. – Não, não mudou muito, não. Não mudou muito hoje. Entre hoje e antes, não mudou muito, não. Não mudou. A reportagem política não se modifica. Mesmo agora, ela não se modificou. Ela não se modifica. Você acha, Maurício?

Entrevistador 3 – Não, eu acho que tem...

D.B. – Não, não modifica, não. As suas relações com a fonte de informação, com o entrevistado, não se modificam, quando você...

[FINAL DO ARQUIVO 1002\_DERLY\_BARRETO\_18.03.1977\_02b]

D.B. – Mesmo agora, ela não se modificou. Ela não se modifica. Você acha, Maurício?

Entrevistador 3 – Não, eu acho que tem...

D.B. – Não, não modifica, não. As suas relações com a fonte de informação, com o entrevistado, não se modificam, quando você está fazendo o trabalho de reportagem. É bom esclarecer: é o trabalho de coleta de informações. Quando é uma entrevista coletiva do presidente da República, aí você já está, realmente... você tem que se comportar comedido. Como você se comportaria comedido – em termos, é claro... Eu estou falando comedido em termos. Em uma entrevista do presidente da República por televisão, você tem uma postura, você tem que ter um certo equilíbrio.

Entrevistador 3 – Mas antes, em uma entrevista com o Jango, o relacionamento com o presidente, quer dizer, entre o entrevistado e o entrevistador, era num nível bem diferente. Ou com o próprio Jânio, ou com o próprio Juscelino.

D.B. – Porque você tinha acesso a ele. Mas você hoje pode... Você tendo acesso, você pode ter esse tipo de comportamento. Você pode.

Entrevistador 2 – O repórter político tem um comportamento mais moderado?

D.B. – Não, comedido... Veja bem, eu não estou... Não é bem... Moderado como?

Entrevistador 3 – Em termos até formular uma pergunta...

D.B. – Não, eu digo moderado... É saber se comportar. É saber se comportar diante do sujeito. Porque o presidente da República, quer queira, quer não, ele tem um mandato que... Não é uma pessoa que você vai entrevistar que é um delegado de polícia. Não é a mesma pergunta que você vai fazer a um delegado de polícia ou a um funcionário público qualquer, um funcionário qualquer do Ministério da Fazenda. Você não vai tratar o presidente da República como se fosse o mesmo sujeito. Você vai fazer as perguntas a ele, as perguntas que você quer fazer, mas você modifica essas perguntas. Você faz a pergunta de outra maneira. Porque você tem que respeitar, de qualquer maneira, o sujeito que é o presidente da República.

Entrevistador 2 – Mas antigamente havia muito mais liberdade, muito mais mobilidade.

D.B. – Você está falando em uma conversa e eu estou falando em uma entrevista coletiva. Agora, na conversa, na intimidade, quando você está entrevistando um ministro, você pergunta ao sujeito e dialoga. Você debate com ele. Quando é você e ele, você pode discutir, e deve discutir e tem que discutir. Eu estou falando em uma entrevista pública, um negócio na televisão, você vai colocar... você vai entrevistar o presidente da República... Por exemplo, hoje, o general Geisel, o presidente Geisel: se você vai entrevistar o presidente Geisel através da televisão, você e outros sujeitos, outros repórteres, você vai fazer perguntas... Você não vai perguntar a ele se é verdade o que os jornais estão dizendo, que há um movimento militar para derrubá-lo.

Entrevistador 2 – Você não vai colocar a pergunta desse jeito.

D.B. – É claro. É isso que eu estou falando. Você não vai chegar para o presidente... “É verdade?”. Aí, pela televisão...

Entrevistador 3 – Não pode perguntar pela unidade nas Forças Armadas. Antigamente, você podia perguntar.

D.B. – ...pela televisão, ao general Geisel: “Presidente, está havendo um boato de que o III Exército está se movimentando rumo a Brasília para depor o senhor”. Você vai fazer uma pergunta dessas pela televisão? Não faz sentido. O repórter político tem que ter um mínimo de tato para fazer a pergunta. Se ele tem a informação... Ele não vai perguntar um boato, em tom de boato. Na conversa lá com o presidente, você e ele, ou três, ou quatro, ou cinco repórteres e ele, aí você pode... “Presidente, está havendo um boato aí de que o III Exército está se movimentando para chegar aqui”.

Entrevistador 3 – Mas hoje, nem isso você consegue.

D.B. – Isso porque você não tem acesso ao presidente da República. O regime fechou.

Entrevistador 3 – Mas então mudou.



D.B. – Mas é evidente. Eu não contesto isso. Está havendo. Houve uma mudança.

Entrevistador 3 – O Villas-Boas acha que mudou tudo. Acabou. O Villas acha que mudou tudo.

D.B. – Não é verdade.

Entrevistador 3 – E eu acho que ele tem razão, realmente mudou.

D.B. – Não, não mudou, não.

Entrevistador 2 – [Inaudível] muito pouco à vontade para falar, eu só conheço com o AI-5, [inaudível] reportagem política.

D.B. – Não, eu conto a vocês. Nós conversamos... Nós íamos aqui, e era comum *pra burro*... O Amaral Peixoto, que era a fonte que nós sempre frequentávamos, que é um homem bem informado, é um sujeito que transava. Hoje, ele está velho demais. Mas o Amaral, mais moço, ele transava e articulava, participava, fazia milhões de coisas, e tinha a informação. Ele nos recebia aqui na sede do PSD, na Almirante Barroso...

Entrevistador 2 – Hoje, sede do MDB.

D.B. – É hoje sede do MDB. Ele nos recebia no gabinete dele, o Heráclito, o Wanderley, o Villas-Boas, Oyama, Derly, Caó. A conversa ali era a mais franca possível. Todas as perguntas eram formuladas.

Entrevistador 3 – Isso, até hoje é assim.

D.B. – Todas as perguntas. Então, não vejo como mudou.

Entrevistador 3 – Com o político é a mesma coisa. Hoje há a diferença de que o político não tem a informação.

D.B. – Ah, hoje o político não existe. Hoje o político não existe nem tem a informação. Se ele não tem a informação, ele não existe. Eu parto daí. Realmente, aí, no caso, mudou.

Entrevistador 3 – Mas é isso que eu estou dizendo.

D.B. – Aí mudou realmente. Agora, é uma masturbação muito grande você imaginar que exista político hoje. Não existe político. Isso que está havendo aí é uma pinimba. Isso é uma gozação muito grande. Isso é uma empulhação à opinião pública.

Entrevistador 3 – Isso é um espetáculo grotesco.

D.B. – E nós estamos participando, doutor. E o que é uma coisa mais terrível: eu estou participando conscientemente. Eu sei que isso é uma empulhação.

Entrevistador 3 – Contracena.

D.B. – É, eu contraceno. Exato. Eu estou contracenando, e eu sei que isso é uma empulhação. Você pergunta ao presidente do Congresso, que é... vamos chamar de chefe de um poder, ou a expressão de um poder, [você pergunta] sobre uma determinada coisa, ele não te diz. Ele está agora, nesse momento, articulando um acordo político que ele não sabe se vai se aceitar. Ele não sabe. É mais fácil ele saber que não vai ser aceito, mas ele não tem a informação. Eu sei que não vai ser aceito. Bom, não vai ser aceito ou, pelo menos, vai ser difícil conseguir. Agora, eu sou obrigado a escrever... Aí é que está, o jornalismo está chegando a uma fase extremamente perigosa – o jornalismo, principalmente o político. E por estar atravessando, o jornalismo político, uma fase perigosa, toda a imprensa, todo o sentido do jornalismo bom que você pode conceber está correndo risco também. Nós estamos na iminência de repetir, daqui a pouco, o mesmo que se passou em 1954. E agora não tem *Jornal do Brasil* de reserva, não. Agora entra tudo pelo cano. Porque os jornais estão acomodados. Honra seja feita, rapaz... Parece que a única reação, a única...

Entrevistador 3 – Núcleo.

D.B. – ...o único núcleo de resistência ainda é *O Estado de S. Paulo*.

Entrevistador 2 – É impressionante.

D.B. – Considerando o jornalismo. Agora, do ponto de vista do país, do interesse patriótico do país, do interesse patriótico...

Entrevistador 2 – Do povo brasileiro.

D.B. – ...de povo brasileiro, não há uma reação saudável, a meu ver. O que *O Estado de S. Paulo* está querendo não é uma coisa muito boa. Não é. A meu ver, não é. Agora, é o único, considerando o jornalismo, é o único núcleo de resistência realmente. É o único lugar onde você está fazendo jornalismo. E um esforço que se faz também, mas é desordenado, na *Folha de S. Paulo*. Mas com o sentido de direção, de rumo, é *O Estado de S. Paulo*, e como jornalismo, como esforço jornalístico, de jornalismo, para jornalismo, é também a *Folha de S. Paulo*. No mais, você não vê. A *Veja* andou tentando uma coisa assim. Ela está se perdendo. A *Veja* está se perdendo. Não sei se é por censura, mas está se perdendo. A *Veja* está se perdendo. Então, você não vê. Você só vê isto no *O Estado de S. Paulo*. Agora, no mais, você vê é omissão.

Entrevistador 3 – E o *Jornal do Brasil*, o que você acha? Esse ano ele não tentou, e no fim do ano passado?

D.B. – Nem tenta mais. Não dá. O *Jornal do Brasil*, hoje, já não tem aquela pujança econômica que o permitiu fazer a revolução. Hoje, realmente... Depois da revolução, o *Jornal do Brasil* começou a perder. Perder, não porque ele tenha... Ele começou a perder o poderio econômico, não porque ele tenha perdido o público...

Entrevistador 3 – [Inaudível].

D.B. – Não, ele está perdendo. Acontece o seguinte, que o país está vivendo uma crise muito grande, que já está se refletindo inclusive na rentabilidade e no rendimento do jornal, e o *Jornal do Brasil*, apesar disso, não reage como deve reagir.

Entrevistador 2 – Derly, o *Jornal do Brasil*, com a reforma, ele passou a vender muito mais? Como é que a reforma repercutiu, em termos de vendagem?

D.B. – Ele, é claro... Enquanto os outros estavam afundando, perdendo leitores, o *Jornal do Brasil* se apresentou, cobrindo aquele vazio. É claro que o público começou a prestigiar o *Jornal do Brasil*, a comprar o *Jornal do Brasil*. Então, à medida que os outros pifavam, o *Jornal do Brasil* se beneficiava. Olha, você quer ver uma coisa mais... mostrando que o *Jornal do Brasil*... o senso de oportunidade...

Entrevistador 2 – Aproveitou o momento.

D.B. – [Aproveitou] o momento, exato. Você veja o que... O que se passou depois confirma realmente aquela previsão, aquela análise que aconselhava o *Jornal do Brasil* a fazer a revolução. O que aconteceu então, desde que o *Jornal do Brasil* se modificou, se renovou, fez a revolução? Eu não vou falar por ordem cronológica. Vamos falar tumultuadamente. Acabaram-se: o *Diário Carioca*, o *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *O Cruzeiro*...

Entrevistador 1 – O *Diário Carioca*?

D.B. – O *Diário Carioca* acabou, eu acho que foi depois disso. É depois.

Entrevistador 2 – O *Correio da Manhã*.

D.B. – O *Correio da Manhã*. Então, você veja o seguinte, o que aconteceu? Todos os jornais, esses que eu falando aqui que já estavam abalados a partir de 1954, o processo de degradação, de sepultamento, de declínio se completou logo depois do início da mudança do *Jornal do Brasil*. E no lugar de cada um desses que desapareceram, apareceu algum?

Nenhum. Então, você tem todos os jornais... Os jornais que existem hoje são anteriores ao *Jornal do Brasil*, quer dizer, anteriores à revolução do *Jornal do Brasil*, menos esses que desapareceram. Então, hoje, no Rio, você tem o que, de jornal? *O Globo*; *Tribuna da Imprensa*, mas já está saindo...

Entrevistador 2 – O *Jornal do Brasil*...

D.B. – ...você tem o *Jornal do Brasil*; a *Última Hora*; o *Jornal do Commercio*; e *O Dia e A Notícia*. Então, você veja o que sumiu aí, o que desapareceu: *Diário Carioca*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *O Jornal*, e também...

Entrevistador 2 – O *Radical*...

D.B. – Mas isso... O *Radical* é anterior. Ele desapareceu antes da revolução do *Jornal do Brasil*.

Entrevistador 2 – [Inaudível] depois da revolução.

D.B. – Depois da revolução do *Jornal do Brasil*. Então, você veja que esses jornais... quantos jornais desapareceram, e jornais com grande público, ou com muito bom público. O *Diário Carioca* tinha um público. Não era *grande* público, mas era... Tinha público. O *Jornal do Brasil* terá ganho nisso. Esse público **foi para** o *Jornal do Brasil*, suponho. O *Correio da Manhã*, esse público foi para onde? Para *O Globo* e para o *Jornal do Brasil*.

Entrevistador 2 – E também, por isso aumentou a tiragem do *Jornal do Brasil*.

D.B. – Então, você veja que já há um outro fenômeno aí. Já há uma outra coisa para você examinar. Alguma coisa está acontecendo. Se o *Jornal do Brasil*, depois disso aí, não aumentou a tiragem, a vendagem...

Entrevistador 2 – Quer dizer, ele deveria herdar, naturalmente, o público do *Correio da Manhã*...

D.B. – Do *Correio da Manhã*, ele dividia...

Entrevistador 2 – ...e do *Diário de Notícias*.

D.B. – Do *Diário de Notícias*, com certeza. Agora, do *Correio da Manhã*, talvez ele dividisse com *O Globo*.

Entrevistador 2 – Não, eu acho que, do *Correio da Manhã*, seria um público quase que natural dele.

D.B. – É. Então, você veja o seguinte... E esse público aí? Se o *Jornal do Brasil*, depois disso, não aumentou a vendagem... Ao aumentar a tiragem, você terá...

Entrevistador 2 – Ele aumentou, mas não foi...

D.B. – [Não foi] na proporção correspondente...

Entrevistador 2 – Correspondente a essa...

D.B. – ...correspondente àquilo que seria o público do *Correio da Manhã*.

Entrevistador 1 – Ao público que sobrou.

D.B. – É, o público sobranete. Então, você veja o seguinte... E eu acho que é a hora de se examinar aí alguma coisa. Se o *Jornal do Brasil* não está se beneficiando, não só do crescimento da população, do crescimento demográfico, do **universo de alfabetizados no** mercado de jornal, então você pode ter certeza de que alguma coisa...

Entrevistador 2 – [Alguma coisa] está errada.

D.B. – ...abstrata, ou alguma coisa invisível está acontecendo aí. Há um processo aí que pode ser um outro processo de crise da imprensa, semelhante àquele de 1954, detonado...

Entrevistador 2 – Eu acho que [inaudível] está vivendo essa crise.

D.B. – Então, alguma coisa está errada aí. Não é com o público; é com o jornal.

Entrevistador 1 – Você voltou para o *Jornal do Brasil*, então, em 1962...

D.B. – É, por aí, em 1962.

Entrevistador 1 – Tornou a sair em 1965...

D.B. – É, em 1965.

Entrevistador 1 – Foi para a *Última Hora* de novo?

D.B. – Não. Em 1965, eu fui para... Para a *Última Hora*, eu fui quando eu saí do jornal em 1958. Em 1965, eu fui para o *Jornal do Commercio*.

Entrevistador 2 – Você voltou em 1962?

D.B. – Em 1961 ou 1962.

Entrevistador 2 – Na renúncia do Jânio, você estava aonde, em que jornal?

D.B. – Na renúncia de Jânio... Foi o Machado Lopes, no III Exército. Eu estava no *Diário de Notícias*.

Entrevistador 2 – Como que o *Jornal do Brasil* – eu não sei se você acompanhou – se comportou diante do episódio da renúncia do Jânio?

D.B. – Não, não sei.

Entrevistador 2 – Era um jornal em que você tinha trabalhado, eu não sei se você chegou a acompanhar.

D.B. – Não, não. Aí eu me afoguei muito no *Diário de Notícias*, na cobertura daqui, não acompanhava os outros jornais. Fiquei trabalhando no *Diário de Notícias*. E por azar, rapaz... Foi uma decepção de todo tamanho. Eu trabalhava no *Diário de Notícias* e era governador o Carlos Lacerda, e trabalhava no *Diário de Notícias* conosco... Eu trabalhei, no *Diário de Notícias*, com o Prudente de Moraes Neto. Eu fazia “Notas Políticas”, com o Moniz Bandeira. Moniz Bandeira e eu fazíamos “Notas Políticas”, e o Prudente espiava o nosso trabalho. Em 1962, estava lá conosco lá, chefiando a redação do *Diário de Notícias*, o Ascendino Leite. Era o chefe de redação. E ele trabalhava na Censura.<sup>7</sup> Ele era da Censura. Então, o Ascendino foi severo *pra burro*, como censor, com...

Entrevistador 3 – Isso foi quando?

D.B. – Em 1962, não é?

Entrevistador 2 – Ele era funcionário do jornal e...

D.B. – Era funcionário do jornal e da Censura.

Entrevistador 2 – E foi o censor do próprio jornal?

D.B. – E foi duro *pra burro* conosco lá. A Censura foi dura conosco. Muito duro, o Ascendino Leite.

Entrevistador 3 – Quer dizer, aí aparece o fantasma da censura já com mais...

D.B. – Aí já. Aí o negócio...

---

<sup>7</sup> Ascendino Leite era chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas – SCDP



Entrevistador 2 – Mas foi uma época que... Durou pouco inclusive.

D.B. – Durou pouco. Mas foi muito brava a censura. Nós saíamos lá com espaços...

Entrevistador 2 – O jornal saiu inclusive com claros, não é?

D.B. – ...com aqueles espaços em branco, com claros. Mas houve também um período de censura, uma censura...

Entrevistador 3 – Em 1955.

D.B. – Aí, de qualidade. É a do Lott, em 1955.

Entrevistador 3 – Em novembro de 1955.

D.B. – Em 1955, a *Imprensa Popular* não teve censura. *Novos Rumos* poderia sair sem censura, também, mas a censura acabou antes que *Novos Rumos* pudesse ir para a rua. Mas alguns jornais tiveram censura. Era uma censura de caráter...

Entrevistador 3 – Emergencial.

D.B. – ...emergencial. Mas havia. É quando você vê a censura de governo. Porque há dois tipos de censura: a do governo e a do patrão. As duas são...

Entrevistador 3 – E a do preposto, que é a pior.

D.B. – E a do preposto. Você vive debaixo de censura.

Entrevistador 1 – Derly, só para nós vermos a coisa aqui, você então saiu do jornal em 1965.

D.B. – Em 1965.

Entrevistador 1 – E aí foi para onde?

D.B. – Para *O Jornal*.

Entrevistador 1 – Fazendo política também?

D.B. – Fazendo política. Fui editor político do *O Jornal*.

Entrevistador 1 – Até quando?

D.B. – Até um ano depois. Em 1965 e 1966, por aí, eu fiquei lá como editor.

Entrevistador 1 – E aí...

D.B. – Do *O Jornal*, fui para o *Jornal do Commercio* e *O Cruzeiro*, na reportagem política. Fiquei em *O Cruzeiro*, com o Benedito Coutinho e o Benê Hamilton, fazendo a parte política.

Entrevistador 2 – Só um pequeno corte, desculpe. Depois nós arrumamos isso no texto. Eu te pergunto: na tua opinião, qual foi a grande contribuição que o *Jornal do Brasil*, que a reforma do *JB* deu à cobertura política? Se é que ela chegou a oferecer alguma contribuição.

D.B. – À reportagem política?

Entrevistador 2 – A reforma do *JB* chegou realmente a imprimir um novo rumo à cobertura política na época?

D.B. – Graficamente, não...

Entrevistador 2 – Eu digo de texto, ou de abordagem.

D.B. – Não, não.

Entrevistador 3 – Na abordagem, você disse que houve mais independência.

D.B. – Não, na abordagem...

Entrevistador 3 – Nas matérias.

D.B. – Nas matérias.

Entrevistador 2 – E na cobertura política?

D.B. – Na cobertura política, não. Era mais ou menos do padrão. Era um padrão. Era praticamente a mesma do *Correio da Manhã*, a mesma de *O Estado de S. Paulo*, a mesma... Não havia muito o que inovar na reportagem política, não.

Entrevistador 3 – Você tinha uma visão muito do repórter, do repórter de geral, não é?

D.B. – Qual? A minha?

Entrevistador 3 – Guiado muito pela reforma nesse sentido, como...

D.B. – Falando do repórter em geral? Mas o repórter político teve essa valorização... Você podia criar mais coisas. Como repórter político, por exemplo, essa reportagem com o marechal Lott, com o Lott, que deu no plebiscito, essa que é citada aí, essa foi sugestão minha. Eu achei que estava na hora de falar sobre o parlamentarismo e o presidencialismo, ouvindo uma pessoa que pudesse influir. Então, eu sugeri uma entrevista com o Lott e eu conseguiria a entrevista. E foi o que aconteceu. Eu propus e o jornal aceitou, e foi uma entrevista longa, de página inteira. Realmente, aí você tinha essa liberdade. Mas não houve uma valorização... No noticiário, não. Você podia criar mais coisas.

Entrevistador 3 – E quanto a assinar matéria, passou a ser de...?

D.B. – Sim, você, no *Jornal do Brasil*, tinha essa...

Entrevistador 3 – Não sendo matérias longas, assim...

D.B. – Principalmente a matéria mais trabalhada. Mas você tinha...

Entrevistador 2 – Era o único jornal que assinava? Foi uma característica também dessa fase do...?

D.B. – Não, não. Os outros jornais... Já se assinava. Não com tanta frequência como no *Jornal do Brasil*. O *Jornal do Brasil* fazia questão de valorizar o repórter. Isso aí havia. Valorizar, assinando.

Entrevistador 2 – Inclusive, assinando a foto, dando crédito à foto.

D.B. – Exato. Isso aí sempre houve, como preocupação, como norma: valorizar o bom trabalho.

Entrevistador 3 – Derly, quais são os nomes que apareceram no *Jornal do Brasil* que você se lembra? Que apareceram *com* o *Jornal do Brasil*. Repórteres **formados** pelo *Jornal do Brasil* e que **trabalharam** com você na redação. Você se lembra?

D.B. – Não, eu não me lembro de nenhum assim.

Entrevistador 2 – Você citou ainda há pouco um que ganhou...

Entrevistador 3 – Mas esse já era...

D.B. – Sim, o Jaime já tinha... de *O Globo*. O Jaime já era um profissional formado. Não, o *Jornal do Brasil* praticamente não começou... não formou quadros no início, entende? Ele não formou quadros. Ele já trazia os quadros.

Entrevistador 3 – O poder econômico...

D.B. – O poder econômico.

Entrevistador 2 – Mas, em compensação, pode-se dizer que ele fez uma nova escola de jornalismo político. Ele chegou realmente a formar quadros, sob esse aspecto, já que havia uma certa liberdade, já que se permitia ao repórter...?

D.B. – Sim. Agora eu vou observar uma coisa muito interessante. O que não havia nos jornais, na reportagem política... Vamos falar da reportagem política. Agora eu já posso falar, porque já estamos depois de 1960, onde eu já me considero mais amadurecido como repórter político. Aí realmente houve uma coisa muito importante no *Jornal do Brasil*: ele permitia você não só fazer a reportagem como também interpretar o fato. Isso aí, embora existisse... Isso existia com mais frequência nas revistas; no jornal, não. A interpretação do fato. Você podia, realmente, elaborar texto interpretativo. Isso o *Jornal do Brasil* facilitou. Isso ele permitiu. Você já podia fazer interpretação.

Entrevistador 2 – Em matérias assinadas.

D.B. – Em matérias assinadas.

Entrevistador 3 – Derly, nos jornais antigos, a reportagem, mesmo a reportagem assinada, ela era, me parece, era conduzida – não sei se é engano meu – um pouco na primeira pessoa, e o *Jornal do Brasil*... Teria sido com o *Jornal do Brasil*, com a reforma, que se deu um tom mais impessoal à matéria, embora assinada?

D.B. – Não, não. As grandes reportagens do Edmar Morel não tinham esse caráter de primeira pessoa. Nem sempre. Tinha às vezes. Isso era um negócio um pouco do Samuel Wainer. Na *Última Hora*, você encontra muito disso. O Pinheiro Júnior, em mil novecentos e...

Entrevistador 2 – Em 1957 e 1958.

D.B. – Em 1957 e 1958, o Pinheiro Júnior... Bem, eu estou me [inaudível] nas suas datas aí. A memória trai. O Pinheiro Júnior... O Samuel Wainer... Estava sendo exibido, aqui na Cinelândia, que era o lugar da moda, o filme *Juventude transviada*, com o James Dean, e o Samuel viu o filme, ficou impressionado e bolou uma série de reportagens sobre a juventude transviada. Aí, botou o Pinheiro e o Estrela, que era o fotógrafo...

Entrevistador 2 – De lambreta.

D.B. – ...de lambreta, transviado, e enfiou em Copacabana...

Entrevistador 2 – No Alto da Boa Vista.

D.B. – ...no Alto da Boa Vista, com o Carlos Imperial, essa canalha... esse pessoal todo aí. E o Pinheiro viveu e conviveu com essa gente durante semanas. Resultou daí um bom material de repórter de local, um trabalho de vivência, um jornalismo de vivência. E o Samuel gostava também que o repórter vivesse um pouco...

Entrevistador 2 – A experiência vivencial, não é?

D.B. – É, vivencial. O Samuel gostava disso. O Pinheiro trouxe um material excelente, fazendo segredo para todo mundo do que ele tinha fazer, e chegou à redação e começou a trabalhar, preparou todas as matérias, e o Samuel pediu ao Nelson Rodrigues para fazer o copidesque. Reescrever na verdade. Aí o Nelson Rodrigues fez, reescreveu toda a série, e colocando quase que a primeira pessoa, quase toda a reportagem na primeira pessoa. O Edmar Morel fazia reportagens e também, às vezes, usava a primeira pessoa. Mas não era habitual. Não era... A grande reportagem não tinha essa... Eu acho.

Entrevistador 1 – Derly, outro assunto então: você disse que o *Jornal do Brasil* pegou... a reforma dele foi feita aproveitando experiências... sistematizou experiências de outros jornais. Então, o que ele pegou de quem?

D.B. – No texto, aquilo que o Paulistano estava fazendo no *Diário Carioca*, que era o *lead* e o *sublead*. E a coisa hoje se generalizou no Brasil, não é? É experiência americana, mas a aplicação dela é aqui no *Diário Carioca*. No texto, o *Diário Carioca*. A diagramação, um pouco aquela funcionalidade gráfica da *Última Hora* e do *Diário Carioca*. Do *Diário de Notícias*, eu acho que o tratamento mais longo das matérias.

Entrevistador 1 – Mais longo?

D.B. – Mais longo. Ele alongava. As matérias eram longas, no *Jornal do Brasil*, naquele tempo. Eram bem mais longas.

Entrevistador 1 – E as fotos?

D.B. – As fotos, de revista. Aí, de modo geral, das revistas.

Entrevistador 1 – Mais artísticas?

D.B. – Mais artísticas. Das revistas. Ele realmente reuniu isso aí.

Entrevistador 1 – Acabou um pouco com os classificados na primeira página, não é?

D.B. – É. Acabou aos poucos.

Entrevistador 1 – Quer dizer, ainda hoje...

D.B. – Não, não. Acho que acabou de um impacto. Foi de uma só vez, eu acho.

Entrevistador 1 – É?

D.B. – Eu acho que acabou de impacto.

Entrevistador 1 – Me parece que o Odylo foi definindo aos poucos a... o espaço. Até o Dines teria sido o último a mexer na primeira página, em termos de...

D.B. – Bem, se ele disse, ele está mais certo. Porque ele acompanhou aquilo.

Entrevistador 1 – Eu já não sei se estou sendo traído pela memória. Deixou aquele L.

D.B. – É, exato. Ah, sim, tinha um pouco mais. Mas não foi assim, não. Eu acho que ele acabou com a primeira página, botando *fotos* – não era foto, não –, fotos na primeira página... O que havia, no *Jornal do Brasil*, na primeira página, no tempo do Odylo, eu me lembro quase com certeza, eram manchetes de oito colunas. Ele dava, sistematicamente...

Entrevistador 1 – Derly, e o relacionamento leitor e jornal, nessa época de reforma do *Jornal do Brasil*?

D.B. – Como?

Entrevistador 1 – O leitor participava, vamos dizer...?

D.B. – Através de cartas. Sim, participava.

Entrevistador 1 – Cartas [**inaudível**]?

D.B. – Havia isso. O *Jornal do Brasil* tinha um recurso, uma coisa muito favorável para se aferir e para sentir isso: a portaria do *Jornal do Brasil* funcionava no centro da cidade, na avenida Rio Branco, 110 ou...

Entrevistador 2 – Cento e dez.

D.B. – ...110, no centro da cidade, na Rio Branco, entre Ouvidor e...

Entrevistador 2 – E Sete de Setembro.



D.B. – ...e Sete de Setembro, tendo um trânsito de milhares de pessoas o dia todo, com o negócio do pequeno anúncio, porque às vezes pedia “resposta para a portaria desse jornal”. Então, ia uma quantidade muito grande de gente buscar a resposta do anúncio publicado. E você sentia... Você via gente transitando no jornal. Pela portaria, você via uma quantidade bastante grande de pessoas, de gente lendo o jornal e você sentia que as pessoas mostravam interesse, apoiavam aquela mudança, em caráter participativo.

Entrevistador 3 – Nenhuma dessas reformas forçou... A imprensa...

D.B. – Forçou o fim de muitos outros.

Entrevistador 3 – Forçou o fim.

D.B. – Forçou. Deve ter apressado a morte de alguns. Agora, a revolução do *Jornal do Brasil*, a reforma do *Jornal do Brasil*, ela não teve seguimento nos outros jornais. Não teve. *O Globo* tentou um pequeno esforço reformista, mas parou. Então, essa é razão que faz com que o *Jornal do Brasil* até hoje... Veja que já se passam...

Entrevistador 2 – Quase 20 anos.

D.B. – ...quase 20 anos. Então, ninguém se aventurou. Ninguém do *top*, do porte do *Jornal do Brasil* se aventurou a modificar realmente, a fazer uma mudança grande. Ninguém teve esse topete. E ninguém teve coragem de botar outro jornal aqui. Por quê? O empreendimento é caro? Realmente é. O *Jornal do Brasil* não tem necessidade... O *Jornal do Brasil* se acomodou. Ele fez a reforma e se acomodou. Vamos dizer, se acomodou como jornal. Agora, como empresa, eu acho que essa acomodação é muito perigosa. É muito perigosa. E pode ser sintoma já de um cansaço financeiro da empresa.

Entrevistador 3 – Termina a sua... Relaciona as suas passagens por jornais. Você disse que em 1965...

[FINAL DO ARQUIVO 1002\_DERLY\_BARRETO\_18.03.1977\_03a]

Entrevistador 3 – ...as suas passagens por jornais. Você disse que em 1965, mais ou menos, você foi para o *Diário de Notícias*, não é?

Entrevistador 2 – **[Inaudível]** *O Cruzeiro*.

D.B. – É, *O Cruzeiro*, o *Jornal do Commercio*... Fui para *O Jornal* em 1965; em 1966, fui para o *Jornal do Commercio*, quer dizer, mudei de andar. Eu subi ou descí. Eu acho que eu descí, porque o *Jornal do Commercio*, a gente desce. Fui para o *Jornal do Commercio*, e trabalhando em *O Cruzeiro*, com o Benedito Coutinho e o Benê Hamilton, como já falei, fazendo a reportagem política de *O Cruzeiro* – eram duas páginas por semana – e fazia editoria e editorial, também, editoria política e editorial do *Jornal do Commercio*, e fiz também editorial para *O Jornal*. Bem, nessa história toda aí, rapaz, aqui no Rio, eu acabei participando de revoluçõezinhas – em uma revolução, que foi a do *Jornal do Brasil*, eu fui infante nela – e em algumas badernas aí.

Entrevistador 3 – Como por exemplo...

D.B. – Essa do *Diário de Notícias*, agora, com o Olímpio Campos. Se não foi uma revolução, foi uma baderna, aquilo lá.

Entrevistador 2 – Você chegou a ir para *O Paiz* também. Você não teve uma passagem...?

D.B. – Trabalhei no *O Paiz*, poxa! Foi outra...

Entrevistador 2 – Com o Flávio de Brito, não é?

D.B. – Com o Flávio de Brito. Aliás, é um... Foi um período excelente de trabalho. Estive no outro jornal do Olímpio, aquele...

Entrevistador 2 – *Edição Final?*

D.B. – ...*Edição Final*. Trabalhei lá. Ia ser um vespertino, o único vespertino... Pretendia ser o único vespertino do Rio.

Entrevistador 2 – Porque chegaria às bancas de helicóptero.

D.B. – De helicóptero. Como seria também o *Diário de Notícias*, a edição **das** 14 horas. Mas aí são experiências... Mas fiz, participei de outro jornal, assim, esquerdista... Esquerdista, quase comunista.

Entrevistador 2 – *O Semanário*?

D.B. – Não. *O Semanário*, eu já colaborei. Bem, colaboração, eu tenho: *Senhor*, a revista; colaborei naquele *Brasil*... esse do [inaudível]. Um outro jornal aí.

Entrevistador 2 – *Brasil, Urgente*.

D.B. – *Brasil, Urgente*. Não, não sei.

Entrevistador 2 – Era *Brasil, Urgente*.

D.B. – O *Brasil, Urgente*, não é? Eu colaborava lá. Em Belo Horizonte, colaborei no *Debate*, que é um jornal local, de circulação local; no *Binômio*...

Entrevistador 3 – Com o Euro?

D.B. – Sim. Escrevendo daqui para lá.

Entrevistador 3 – O *Binômio* era do Euro.

D.B. – Era do Euro Luís Arantes. Exato, o *Binômio*, do Euro. Trabalhei no *Diário da Tarde*, fazendo reportagem política. E logo depois da vitória de Jânio, ou da posse de Jânio, eu fui a Belo Horizonte e fiz o *Repórter Esso*, da TV Itacolomi, me parece...

Entrevistador 2 – Quanto tempo?

D.B. – Durante uns dois meses.

Entrevistador 2 – Mas você lia o noticiário?

D.B. – Não. Eu só fazia o texto.

Entrevistador 2 – Pensei que você...

D.B. – Não. Fazia o texto do *Repórter Esso*, em Belo Horizonte, e ganhava 230 pratas. Era dinheiro...

Entrevistador – [**Inaudível**].

D.B. – Que nada!

Entrevistador 2 – Não era?

D.B. – Era não. Aliás, eram 17 cruzeiros, poxa!

Entrevistador 2 – Ah, bom. Duzentos e trinta era...

D.B. – Acho que era isso, 17 cruzeiros.

Entrevistador 2 – O salário mínimo, em 1961, era **20 mil** cruzeiros.

D.B. – O salário mínimo profissional?

Entrevistador 3 – Derly, antes da *Folha*, você estava aonde?

Entrevistador 2 – Minto. Era menos. Eu é que ganhava **20 mil** cruzeiros.

D.B. – Antes da *Folha*, onde eu estou hoje, a *Folha de S. Paulo*, aqui na sucursal do Rio, eu estava... Bem, o *Jornal do Commercio*, *O Cruzeiro*...

Entrevistador 3 – Você ficou um tempo afastado da imprensa?

D.B. – Eu estive desempregado. Isso eu já fiquei muitas vezes. Somando aqui e ali, rapaz, dá ano aí. Mas eu estava... Eu tinha sido demitido da *Última Hora*, quando fui para a *Folha de S. Paulo*.

Entrevistador 2 – Aqui?

D.B. – Aqui. Eu trabalhei na *Última Hora* durante... Também meses.

Entrevistador 2 – Você voltou em que época para a *Última Hora*?

D.B. – Agora? Foi em 1974, fim de 1974.

Entrevistador 2 – E ficou de 1974 a...?

D.B. – Alguns meses só, até ser demitido.

Entrevistador 3 – Ainda que mal lhe pergunte, no AI-5, você estava aonde?

D.B. – AI-5? No *Jornal do Brasil*.

Entrevistador 3 – Em 1962?

D.B. – AI-5?

Entrevistador 2 – Estava na *Folha*?

D.B. – Em 1965? Eu estava no *Jornal do Brasil*.

Entrevistador – O AI-5 foi em 1968.

D.B. – O AI-5 foi em 1968.

Entrevistador – Você estava na *Folha*?

D.B. – O AI-5, de 1968. Qual *Folha*? Não, eu estou no *Jornal do Brasil*.

Entrevistador 1 – Não. Do *Jornal do Brasil*, você saiu em 1965. Você estava no *Jornal do Comercio*. Você saiu do *Jornal do Brasil*...

D.B. – Então não foi em 1966 que eu saí do *Jornal do Brasil*. Aí eu fiquei oito anos no *Jornal do Brasil*. Puxa vida, esse negócio de memória é uma merda! Do *Jornal do Brasil*, eu saio em 1958, por aí...

Entrevistador 1 – Não.

Entrevistador 3 – A primeira vez.

D.B. – A primeira vez, a primeira saída, em 1958. Volto para o *Jornal do Brasil* em 1962 e fico até... O meu filho nasceu em 1967. Eu fico até 1969 ou 1970, no *Jornal do Brasil*. Até 1969.

Entrevistador 1 – E aí? Agora vamos... Para consertar depois na gravação.

D.B. – Eu fico até... Depois de 1968, eu saio do *Jornal do Brasil*.

Entrevistador 3 – Então, demorou [inaudível].

D.B. – Está vendo, rapaz? Eu disse a você, memória, para mim... Esse negócio do tempo aí...

Entrevistador 1 – E depois? Então, vamos contar, para consertar, não é?

Entrevistador 3 – Em 1969, você saiu do *JB* e foi então para a *Última Hora*?

D.B. – Não. Aí eu fui para...

Entrevistador 1 – Para *O Cruzeiro*.

D.B. – ...para *O Cruzeiro*... para *O Jornal*.

Entrevistador 3 – *O Jornal* ou *O Cruzeiro*?

D.B. – *O Jornal*. E fico até um ano antes do fechamento d'*O Jornal*, que eu não sei quando é que foi.

Entrevistador 2 – Não, não. O fechamento foi agora, em 1973.

D.B. – Então, fiquei até mil novecentos e setenta e...

Entrevistador 2 – Você pegou o Alberico<sup>8</sup>?

D.B. – Antes dele. Um pouco antes.

Entrevistador 1 – Então, em 1973.

---

<sup>8</sup> Refere-se a Alberico de Souza Cruz

D.B. – Até 1972, então, eu fiquei lá. Aí, fui para o *Jornal do Commercio*, que pretendia ser uma reforma grande, por esse que está na Embratel agora, o Luís Carlos Mancini. O Luís Carlos Mancini pretendia fazer uma reforma no *O Jornal*, convidado pelo Calmon...

Entrevistador 2 – No *Jornal do Commercio*.

D.B. – No *Jornal do Commercio* [corrigindo-se]. Tenta fazer essa reforma e acaba... Mas não deu certo. Mudou um pouco o jornal, mas não deu certo porque o Calmon não dava dinheiro para ele. Ele nem tinha o dinheiro da empresa para dar para ele. A empresa é que tinha que dar dinheiro para o Calmon. Então, no *Jornal do Commercio* e *O Cruzeiro*. Aí, eu fico no *Jornal do Commercio* até 1974 ou 1975, quando vou para a *Última Hora*. Sou demitido e venho para a *Folha de S. Paulo*.

Entrevistador 2 – Já são quase dois anos na *Folha*, praticamente.

D.B. – São quase dois anos.

Entrevistador 2 – Na *Folha*, você faz **[inaudível]**.

D.B. – É. Reportagem política e...

Entrevistador 3 – Artigos.

D.B. – ...e artigos.

Entrevistador 3 – [Artigos] assinados.

D.B. – Assinados... Não. São...

Entrevistador 3 – Você faz substituindo o Dines...

D.B. – Substituindo o Dines.



Entrevistador 3 – ...naquela coluna...

D.B. – Isso aí, eventualmente, porque é compulsório. Então, eu faço... Eu substituo o Dines na página dois...

Entrevistador 3 – Naquele comentário.

D.B. – ...no comentário da página dois, assinando D.B. Agora, esse negócio de colaboração, houve um tempo, antes de 1964, no governo de Jango, que, no *Jornal do Brasil*, tinha uma coluna, que acabou sendo uma coluna... Já com o Dines. Porque eu trabalhei no *Jornal do Brasil* com o Dines. Eu fiquei com o Dines desde o princípio.

Entrevistador 3 – O Dines fez umas modificações no *JB*.

D.B. – Fez algumas modificações, mas não muito grandes, não. Não muito grandes. Depois de 1964 é que surgiram alguns desafios – aliás, eu não gostaria de falar isso. Mas em 1962 ou 1963... em 1962, existia... Foi feito, no *Jornal do Brasil*, uma coisa... uma coluna parecida com uma que tinha havido na *Última Hora*, que era “O dia do presidente”. Quem fazia “O dia do presidente” na *Última Hora* era o Luís... Bem, tinha “O dia do presidente”, que era uma coluna na *Última Hora*. Era uma coluna que falava de Getúlio. “O dia do presidente” era Getúlio. Era uma coluna sensacional, de leitura quase que obrigatória para quem quisesse saber da Presidência da República. Na *Última Hora*, era a grande coluna política, altamente informativa e que era feita pelo Luís... Eu me esqueço o nome dele.<sup>9</sup> Bem o Dines decidiu fazer, no caso de Jango, uma coluna parecida com aquela. Mas aí, já existia Brasília. Então, quando o Jango vinha para cá, eu era destacado e fazia a cobertura. Era meu setor específico. Fazia a cobertura política normal e, também, o Palácio das Laranjeiras. Fazia “O dia do presidente”. E essa coluna começou a fazer... a marcar o *Jornal do Brasil*. Dava repercussão muito rápida à coisa, não é?

---

<sup>9</sup> O entrevistado refere-se a Luís Mendes Costa.

Então, essa coluna começou a ser lida. Não tinha a característica de coluna, mas era... Quando o Jango estava no Rio, tinha sempre aquele noticiário. O Dines queria botar “O dia do presidente”, mas não dava porque ia ser uma cópia da *Última Hora*. Mas tinha aquele canto lá de página com o noticiário sobre o Jango aqui, falando das audiências... dando unidade a cada acontecimento. Dava unidade no texto. Bem essa coluna, ou esse noticiário, começou a interessar a alguns jornais. Aqui no Rio, a *Gazeta de Notícias*; em São Paulo, *O Estado de S. Paulo*; em Belo Horizonte tinha um outro jornal, que eu não me lembro qual... Bem, o certo é que, nesse período, não por causa da coluna, mas por causa da coluna também, com a coluna também, eu conseguia trabalhar em dez lugares, rapaz!

Entrevistador 3 – Dez lugares?!

D.B. – Dez lugares.

Entrevistador 2 – Com cópia?

D.B. – Uma parte com cópia e a outra era texto preparado. Eu fazia matéria para a *Binômio*... A *Gazeta de Notícias* era cópia, mas era um outro trabalho: mudava o início da matéria, e o resto, manda pau! *Binômio*; *O Estado de S. Paulo*; *Jornal do Brasil*...

Entrevistador 2 – Tudo cópia?

D.B. – A *Binômio*, não. *Debate*...

Entrevistador 2 – E o *Estadão*?

D.B. – O *Estadão* era cópia. Eles trabalhavam aqui. Ou lá, eu não sei. Eram dez lugares. Recebia de dez lugares. Era uma barra de dinheiro, poxa! E o dinheiro, eu botava no móvel lá e fazia misérias. Chegava em casa, botava o dinheiro na penteadeira lá e a mulher fazia um carnaval! Joguei tudo fora.

Mas eu trabalhava no *Jornal do Brasil* e, nesse período aí, além do *Jornal do Brasil*, eu trabalhava no *Diário de S. Paulo* e fazia uma coluna diária para lá, uma coluna política no *Diário de S. Paulo*. Era publicada no *Diário de S. Paulo* ao mesmo tempo em que no *Jornal do Brasil*.

Entrevistador 3 – Você disse que ia falar alguma coisa sobre a reforma do Dines lá... Aliás, não reforma, mas alguns desafios enfrentados depois de 1964.

D.B. – Ah, sim. Depois de 1964, aconteceu o seguinte no *Jornal do Brasil*... Depois de 1964. Aí começaram a haver umas dificuldades para o jornal. A censura, me parece, começou a se repetir com mais frequência. Os atos de censura começaram a ser frequentes em 1964, a partir de 1964. Então, o noticiário político praticamente entrou em ocaso, começou a se enfraquecer muito, porque você já não tinha muito de política e havia um risco implícito na conjuntura para o noticiário político do jeito que se fazia no *Jornal do Brasil*, que era... Era uma cobertura um pouco polêmica. Mas não era diferente da... Era o tratamento da notícia que era mais polêmico. O jornal era mais independente. Mas eu não tive nunca problema de censura, a partir de 1964.

Mas eu estou falando de um desafio que havia para o Dines, para a direção do jornal. É que o noticiário político, e o outro tipo de noticiário, que podia atingir ou interessar diretamente ao governo, estava apresentando uma incidência muito grande de perigo. Então, o jornal estava disposto a... se propôs a modificar, a ceder um pouco ao governo e, para não perder leitor, formular outras seções, outro tipo de atrativo para o leitor. Então, seria gente. Durante muito tempo, no *Jornal do Brasil*, tinha uma coluna que falava de pessoas. Vocês não se lembram disso? Isso é recente. Eram fotografias e, embaixo... Gente. Falando de pessoas. E a recomendação que havia no jornal nesse período, a partir de 1964, era o seguinte: “Olha, notícia com o maior número de pessoas. Toda notícia deve ter o maior número de pessoas”. Quer dizer, “o ministro vai receber...” Eu falei sempre de ministro. Mas um coquetel: “No Copacabana Palace, a Duraplac ofereceu um coquetel e estiveram presentes...”, o nome de todo mundo. Era uma maneira de ganhar leitor.

Esse era um perigo que havia para o *Jornal do Brasil*. Ele estava disposto realmente a abrir as pernas. Não era o Dines. Isso foi colocado pela direção ao Dines. Então, o importante era você ter uma quantidade maior de nomes na notícia. Isso aconteceu logo depois de 1964.

Entrevistador 1 – Você teria alguma coisa a mais...

D.B. – Não. Não tem mais nada, não. A contribuição do *Jornal do Brasil*, que parece que é o grande interesse de vocês, a reforma do *Jornal do Brasil* foi grande na modernização do jornalismo e na elevação do nível de jornalismo. Não é bem elevação do nível porque, no *Correio da Manhã*, você tinha um bom nível de jornalismo; no *Diário Carioca*, você tinha um bom nível de jornalismo. De jornalismo.

Entrevistador 1 – Mas a situação profissional...

D.B. – A situação profissional realmente foi melhorada. Agora, não que o *Jornal do Brasil* tenha sido pioneiro nisso. O pioneirismo cabe a Samuel Wainer. Realmente, foi quem investiu e tratou e trabalhou mais empresarialmente, vamos dizer, mais disciplinadamente em jornal.

Entrevistador 2 – Pode-se dizer que o *Jornal do Brasil* consolidou essa...?

D.B. – O *Jornal do Brasil* consolidou. Foi o poderio econômico...

Entrevistador 3 – Ele influencia e sistematiza.

D.B. – Sistematizou. Isso é verdade. Esse é o mérito do *Jornal do Brasil*, ou essa é a grande vitória do *Jornal do Brasil*, o grande triunfo, a grande contribuição. Mas o deslanche do negócio, o desencadeamento do processo se deve a Samuel Wainer.

Entrevistador 3 – Bom, Derly, eu acho que...

Entrevistador 1 – Está bom, não é?

Entrevistador 3 – Está bom, não é?

Entrevistador 1 – Se você tiver depois alguma outra coisa...

[FINAL DO DEPOIMENTO]